

As histórias
que os
lugares contam

Natascia Venturin Gil

AS HISTÓRIAS QUE OS LUGARES CONTAM

Narrativas de moradores de São José do Rio Preto - SP

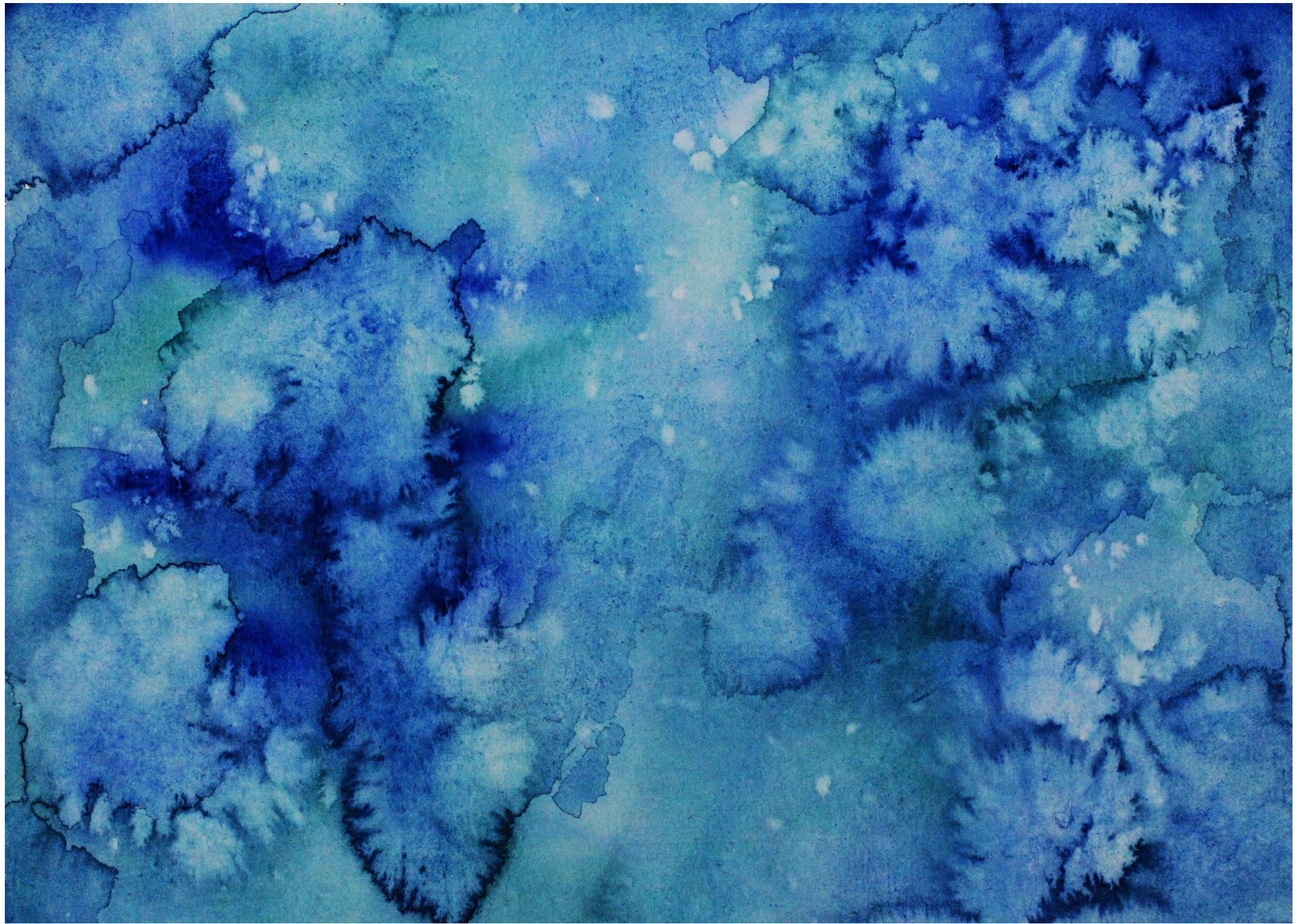
Trabalho Final de Graduação II,
apresentado ao curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Estadual
Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP),
campus de Presidente Prudente.

Natascia Venturin Gil

Orientador: Prof. Dr. Claudemilson dos Santos

Coorientadora: Prof. Dr^a Paula Ferreira Vermeersch

Presidente Prudente
2018



AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores que tanto admiro, por toda a atenção, suporte e apoio durante este ano: ao professor Claudemilson dos Santos, pela paciência e criatividade, e à professora Paula Vermeersch, pela sensibilidade e por sempre confiar em mim.

À minha família por todo o apoio e compreensão durante esta etapa da minha vida.

Ao meu padrinho, pelo incentivo e por toda a ajuda.

Às minhas amigas de graduação Luana Dutra, Nathalia Cazeri, Pamela Rebelato e Patrícia de Azevedo, pela companhia em cada dia desses últimos cinco anos e por terem me ouvido falar sobre esse trabalho ininterruptamente.

Ao Landri, pela força, pelo carinho e por todas as histórias.

À Maria Luiza, pelas ideias e pelo incentivo.

A todos os entrevistados, que possibilitaram este trabalho.

A todos os colegas unespianos da nossa querida Turma XII e todos os docentes que colaboraram para a minha formação.

A São José do Rio Preto, meu abrigo desde o nascimento, e a Presidente Prudente, que me acolheu durante estes cinco anos.

Todos estarão para sempre em minhas memórias.



RESUMO

A memória tem uma importância considerável para a sociedade. Através dela, conseguimos nos identificar com os espaços e também compreender o presente e todos os seus problemas. Para um arquiteto, entrar em contato com a memória possibilita projetos que respeitem o lugar e as pessoas, preocupação nem sempre presente na arquitetura e no urbanismo das últimas décadas. Conhecer histórias também aproxima as pessoas umas das outras e nos faz desenvolver sensibilidade e empatia, características fundamentais para os profissionais atuantes sobre o espaço. Pensando nisso, este trabalho busca falar de arquitetura e da memória de São José do Rio Preto através do contato com seus moradores, que, por meio de entrevistas, relataram suas próprias histórias sobre a cidade. Suas memórias foram representadas através de desenhos que contam mini-histórias, convidando o leitor a descobrir lugares pelos olhos de outras pessoas.

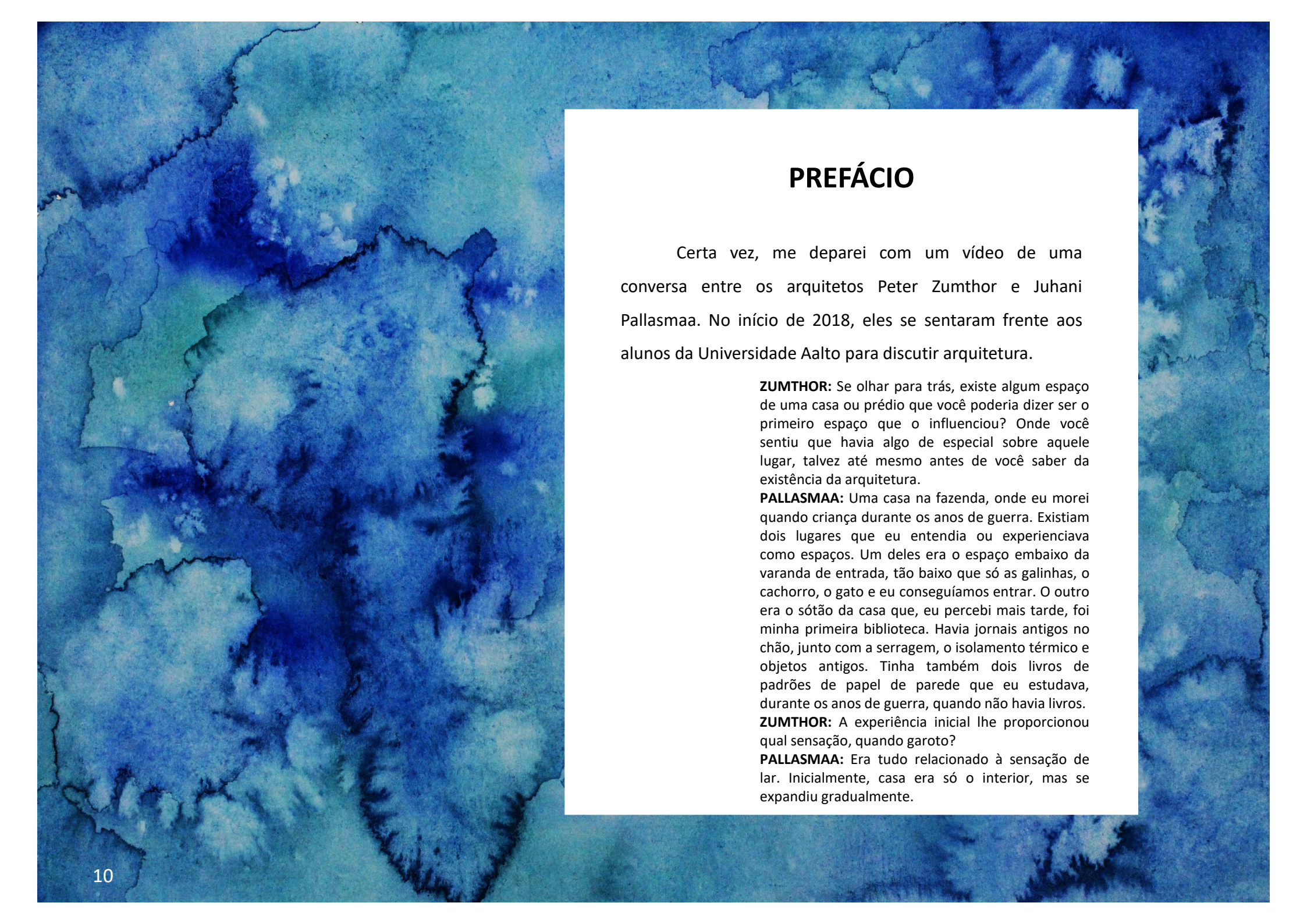
Palavras chave: Memória; Desenho; São José do Rio Preto.



ABSTRACT

Memory has a considerable importance to society. Through memory we can identify with spaces and also understand the present and all of its problems. For an architect, being in touch with memory enables projects that respect places and people, concern not always present in architecture and urbanism during the last decades. Knowing stories can also bring people closer to each other and allow us to develop sensibility and empathy, fundamental characteristics for professionals working with spaces. Considering that, this study aims to talk about the architecture and memory of São José do Rio Preto through the contact with its residents, who were interviewed and reported their own stories about the city. Their memories were represented with drawings that tell short stories, inviting the reader to discover places through the eyes of other people.

Keywords: Memory; Drawing; São José do Rio Preto.



PREFÁCIO

Certa vez, me deparei com um vídeo de uma conversa entre os arquitetos Peter Zumthor e Juhani Pallasmaa. No início de 2018, eles se sentaram frente aos alunos da Universidade Aalto para discutir arquitetura.

ZUMTHOR: Se olhar para trás, existe algum espaço de uma casa ou prédio que você poderia dizer ser o primeiro espaço que o influenciou? Onde você sentiu que havia algo de especial sobre aquele lugar, talvez até mesmo antes de você saber da existência da arquitetura.

PALLASMAA: Uma casa na fazenda, onde eu morei quando criança durante os anos de guerra. Existiam dois lugares que eu entendia ou experienciava como espaços. Um deles era o espaço embaixo da varanda de entrada, tão baixo que só as galinhas, o cachorro, o gato e eu conseguíamos entrar. O outro era o sótão da casa que, eu percebi mais tarde, foi minha primeira biblioteca. Havia jornais antigos no chão, junto com a serragem, o isolamento térmico e objetos antigos. Tinha também dois livros de padrões de papel de parede que eu estudava, durante os anos de guerra, quando não havia livros.

ZUMTHOR: A experiência inicial lhe proporcionou qual sensação, quando garoto?

PALLASMAA: Era tudo relacionado à sensação de lar. Inicialmente, casa era só o interior, mas se expandiu gradualmente.

Até a vila mais próxima tinha a sensação de casa. Então eu entendi, na minha infância, que para além da floresta estava o mundo. (PETER... 2018).

Inevitavelmente, procurei minha própria resposta para a pergunta de Zumthor. Onde foi que eu vivenciei, pela primeira vez, a sensação de lugar?

Lembrei-me de um dia em que eu e minha mãe estávamos andando pelo centro de minha cidade, São José do Rio Preto. Eu tinha um seis ou sete anos, assim como Pallasmaa. O calçadão estava lotado e nós seguíamos, de mãos dadas, em meio ao calor e às pessoas se esbarrando com bolsas e sacolas.

Precisávamos chegar a alguma daquelas lojas de vitrines pintadas com anúncios de promoção. Eu mantinha esse objetivo em mente, na esperança de encontrar menos movimento dentro da loja. E então me bateu uma curiosidade. Para onde todas aquelas pessoas estavam indo? O que estavam fazendo? De onde vinham?

De repente, tudo pareceu maior e mais complexo do que um simples percurso até a loja de sapatos. Eu e todas

aquelas pessoas, de trajetos desconhecidos, existíamos. Mas não em qualquer lugar: existíamos ali, naquela calçada, que parecia nunca ter tido uma existência tão concreta quanto naquele momento.

Quando consegui colocar esse dia em palavras, percebi ter tido consciência não apenas da sensação de lugar, mas também de compartilhá-lo com muitas outras pessoas, desconhecidas e diferentes de mim. Para além da calçada estava o mundo.

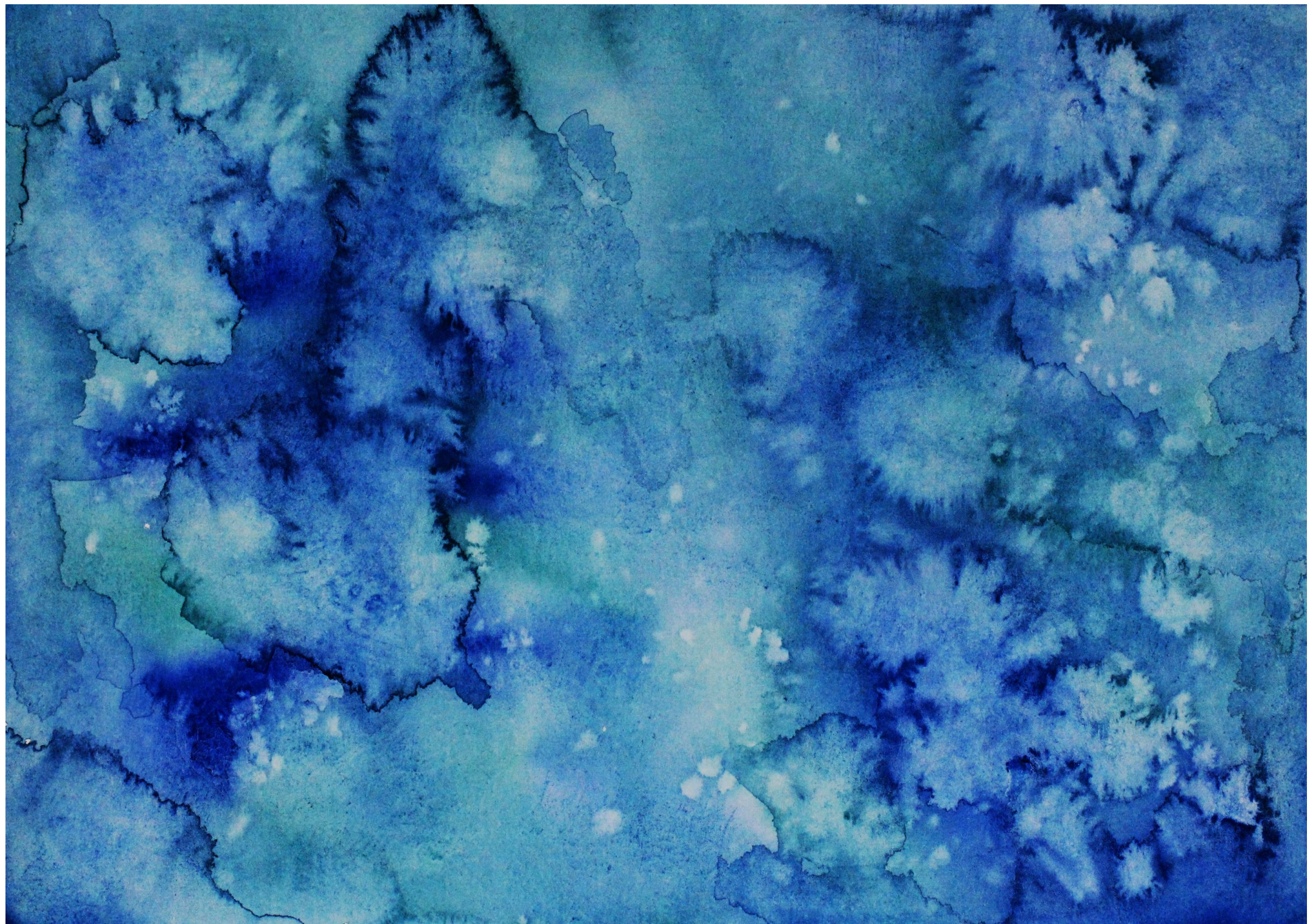
Desde então, sempre que me encontro em lugares lotados, tenho essa cansativa e insaciável curiosidade que quase me faz perguntar ao desconhecido mais próximo “Qual é a sua história?”

Para este trabalho, tomei a liberdade de fazer essa pergunta mais vezes. Ouvi memórias capazes de me transportar para ruas que nunca conheci, para praças de outra época e para lugares que já deixaram de existir. Na memória tudo se mantém. E é isso que vou contar a você.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. DISCUSSÃO TEÓRICA: A ARQUITETURA FORA DA ARQUITETURA	17
2.1. CIDADES INVISÍVEIS	18
2.2. CENTRAL DO BRASIL	20
2.3. AQUARIUS	22
2.4. AVENIDA PAULISTA	25
3. PROPOSTA	27
4. ATMOSFERAS	29
5. A IMPORTÂNCIA DO DESENHO	31
6. METODOLOGIA	33
6.1. A CIDADE	34
6.2. AS ENTREVISTAS	35
6.3. OS DESENHOS	36
7. AS MEMÓRIAS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	39
7.1. DÉBORA	40
7.2. CLARICE	44
7.3. JULIO	48

7.4. RAUL	52
7.5. HELENA	56
7.6. VANESSA	60
7.7. TEREZA	64
7.8. LANDRI	68
7.9. CONCEIÇÃO	72
7.10. ALINE	76
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
9. ÍNDICE DE IMAGENS	83
10. REFERÊNCIAS	85



1. INTRODUÇÃO

O historiador Le Goff (1990) destaca a memória como um dos mais importantes meios para abordarmos os problemas do tempo e da história. Ele interpreta a memória como sendo a função psíquica de conservar informações e impressões interpretadas como passadas. O estudo desse conceito é tão amplo e possui tantos significados que pode ser discutido por áreas do conhecimento completamente distintas, como a psicologia, a biologia, a psiquiatria e até as ciências humanas.

A memória coletiva é tão importante para a sociedade e sua cultura, que já foi posta em jogo inúmeras vezes na luta das forças sociais pelo poder. Ser o agente responsável pela memória e pelo esquecimento se tornou uma das grandes preocupações dos grupos dominantes das sociedades, pois esse é um mecanismo eficaz de manipulação e controle.

Da mesma forma, a memória e a história são fundamentais para os profissionais que atuam sobre o espaço. Todo o trabalho do arquiteto é pautado em narrativas. Quando um cliente chega até o profissional para requisitar um projeto, ele narra sua história. Descobrimos sobre sua personalidade, sua família, qual é seu tipo preferido de cozinha e o que mais valoriza em uma área de lazer.

Os lugares também contam histórias e podem ser lidos, como livros. Podemos descobrir muito sobre cultura, aspectos geográficos, economia, política e sobre tantos que já passaram naquele lugar, se soubermos lê-lo. Quando atua sobre o espaço, portanto, o projetista interfere sobre os lugares onde os novos capítulos da história de uma sociedade acontecerão.

Refletindo sobre a importância dessa atividade, arquiteta Marta Bogéa (2017) explica que, diferentemente dos arquitetos modernos, “atizados pelo ímpeto de seguir sempre adiante e aptos a sobreviver à história e a cultura” (BOGÉA, 2017), os projetistas de hoje devem valorizar os traços coletivos da cultura, sem apagar os rastros do passado. Isso não quer dizer que as novas produções arquitetônicas devam se erguer sobre a nostalgia do que já passou, mantida intacta. Pelo contrário: é necessário que o presente coexista com o passado, sem mitificá-lo ou destruí-lo na ilusão de viver um momento inédito e desconectado. Abrir mão da História seria negar, também, a compreensão do presente.

[...] um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto, cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado. Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar. Um lugar que é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas, o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento. (Callai, 2004).

Existe ainda uma outra dimensão importante no ato de ouvir e contar histórias. Ao ouvirmos uma história, entramos em um profundo contato com quem a conta. Assim, nos aproximamos do outro e de um universo que nem imaginávamos existir. Para um arquiteto, o contato com as pessoas, seus sentimentos e memórias desperta a empatia necessária para a realização de projetos que não desconsiderem a dimensão humana da arquitetura. Justamente por isso, Pallasmaa (2018) relembra a sábia frase dita por seu professor nos anos 60: “O talento de imaginar situações humanas é mais importante para um arquiteto do que o dom de fantasiar sobre espaços.”

Como prova de que, nas últimas décadas, a dimensão humana foi frequentemente esquecida na arquitetura e no planejamento urbano, o arquiteto dinamarquês Jan Gehl dedicou seu livro Cidade Para Pessoas (2015) totalmente a essa questão.

Por décadas, a dimensão humana tem sido um tópico do planejamento urbano esquecido e tratado a esmo, enquanto várias outras questões ganham mais força, como a acomodação do vertiginoso aumento do tráfego de automóveis. Além disso, as ideologias dominantes de planejamento - em especial, o modernismo - deram baixa prioridade ao espaço público, às áreas de pedestres e ao papel do espaço urbano como local de encontro dos moradores da cidade. Por fim, gradativamente, as forças do mercado e as tendências arquitetônicas afins mudaram seu foco, saindo das inter-relações e espaços comuns da cidade para os edifícios individuais, os quais, durante o processo, tornaram-se cada vez mais isolados, autossuficientes e indiferentes. (GEHL, 2015, p. 3).

Faz-se necessário, portanto, recobrar a sensibilidade pela memória e pelas pessoas no ambiente urbano, gradativamente perdida ao longo dos anos. Somente assim teremos cidades saudáveis e com qualidade para os seus moradores.

Pensando nisso, este trabalho busca levantar a discussão sobre a importância da memória nas cidades e despertar a sensibilidade pelas pessoas que as habitam através de narrativas contadas por elas mesmas. Dessa forma, o leitor poderá enxergar lugares a partir do ponto de vista de outras pessoas e, também, conhecer um pouco mais sobre as mais variadas histórias de vida acontecendo nos espaços urbanos.

Para isso, escolhi uma cidade específica, São José do Rio Preto, e entrevistei pessoas que tiveram suas narrativas e sensações expressadas através da principal ferramenta de trabalho do arquiteto: o desenho.



2. DISCUSSÃO TEÓRICA: A ARQUITETURA FORA DA ARQUITETURA

Para se conectar com essa sensibilidade aparentemente perdida na arquitetura e no urbanismo contemporâneos, Pallasmaa busca a arte. Ele explica que “todas as artes estão envolvidas na mesma questão: como é se sentir humano neste mundo?” (PALLASMAA, 2011).

Eu acho o trabalho arquitetônico, principalmente dos meus contemporâneos, menos sincero e menos tocante que o de pintores, poetas e compositores. E eu acho que é simplesmente porque arquitetura é coberta por tantas racionalizações grosseiras, códigos e fiscalizações que, no fim, se o arquiteto ainda tiver energia, ele pode pensar na dimensão poética. (INDESIGN, 2018).

Assim como Pallasmaa, Zumthor (2018) tem uma relação tão forte com a arte, que afirmou ter aprendido mais sobre arquitetura fora dela do que analisando edifícios. Para ele, música, pintura e poesia têm uma relação íntima com a vida, assim como a arquitetura. Tanto uma quanto a outra conseguem despertar em nós o sentimento de pertencer ao mundo, bem como reforçar nossa identidade pessoal.

Em sua obra *Os Olhos da Pele*, Pallasmaa (2011) reflete sobre a arquitetura, a arte e os sentidos, elementos que nunca andam separados. Em sua opinião, a missão da arquitetura e da arte verdadeiramente

significativas deve ser despertar a sensação de que somos “seres corpóreos e espiritualizados”. Entretanto, o único modo de produzir coisas capazes de alcançar esse patamar e despertar esses sentimentos é entrando em contato com suas próprias emoções, associações e memórias. Trabalhar arquitetura e arte é também trabalhar a si próprio.

Pensando nisso, a partir de agora este trabalho falará da arquitetura na arte e da importância dessa relação para todos, mas, principalmente para os arquitetos. Selecionei algumas obras de literatura, cinema e quadrinhos que julgo ter discussões relevantes para aqueles que atuam sobre os espaços, porque, como observa o filósofo François Soulages:

A ficção não é, antes de mais nada, mentira ou ilusão: é uma ferramenta que possibilita a criação do outro em função dos próprios desejos e temores; é sobretudo, um meio para viver melhor sua própria relação com o real e apreender, mesmo pelo pensamento, esse real. (SOULAGES, 2009, p.149).

2.1. CIDADES INVISÍVEIS

(Italo Calvino, 1972)

O viajante Marco Polo recebia ordens diplomáticas do imperador Kublai Khan para que viajasse pelas cidades de seu império, o qual já não era mais capaz de conhecer sozinho, dada à vastidão de suas terras. Assim que retornava da missão, o viajante narrava suas aventuras e descrevia as cidades conhecidas ao imperador. Suas histórias eram a única forma de Kublai Khan descobrir o próprio império.

Cada capítulo conta sobre uma cidade, que é encaixada em uma das seguintes categorias: As cidades e a memória; As cidades e o desejo; As cidades e os símbolos; As cidades delgadas; As cidades e as trocas; As cidades e os olhos; As cidades e o nome; As cidades e os mortos; As cidades e o céu; As cidades contínuas; As cidades ocultas. Essas categorias receberam cinco cidades cada e foram aparecendo aos poucos ao longo do livro, como edifícios sendo construídos conforme a leitura progride.

Além das descrições de Marco Polo serem bastante eficientes para mostrar a complexidade urbana e as grandes

diferenças entre as cidades, ele nos convida a construí-las mentalmente através de nossas próprias associações. Esse exercício de imaginação que fazemos ao ouvir uma narrativa é como se fosse uma das viagens de Marco Polo para o nosso próprio interior. Essa viagem reforça o que sabemos sobre nós mesmos e pode nos trazer uma melhor compreensão de nossas próprias experiências.

— Você viaja para reviver seu passado? — era, a essa altura, a pergunta do Khan, que também podia ser formulada da seguinte maneira: — Você viaja para reencontrar o seu futuro?

E a resposta de Marco:

— Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá. (CALVINO, 2005, p.29)

Em alguns momentos, essas viagens não serão claras. É comum que cada viajante tenha percepções diferentes sobre os elementos narrativos. Certa vez, por exemplo, Marco Polo, que não se comunicava na mesma língua do de Kublai Khan, chegou de uma missão com uma fâretre cheia de flechas. O imperador ficou na dúvida se o objeto indicava a proximidade com uma guerra, uma abundância de caça ou a oficina de um armeiro. Quando os objetos não eram o

suficiente para contar a história, Polo se usava de gestos, expressões e palavras. Essa passagem ilustra as diversas formas de comunicação e de percepção das pessoas. Ainda assim, toda percepção nos conta um pouco sobre nós.

Depois de muito ouvir, Kublai Khan questionou o porquê do viajante nunca mencionar Veneza, sua própria cidade. Marco Polo sorriu e respondeu:

— E de que outra cidade imagina que eu estava falando?

O imperador não se afetou.

— No entanto, você nunca citou seu nome.

E Polo:

Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza. (CALVINO, 2005, p.82).

Mas enquanto os dois continuam a conversar, novas cidades surgem e aquelas onde se exauriram as variedades das formas chegam ao fim. As histórias e as viagens nunca se esgotarão.

2.2. CENTRAL DO BRASIL

(Walter Salles, 1998)

A história começa com o encontro entre a professora aposentada Dora (Fernanda Montenegro) e o menino Josué (Vinícius Oliveira). Dora trabalha na Estação Central do Brasil redigindo cartas para pessoas analfabetas que precisam se comunicar com familiares em outras cidades. Ela fica responsável por enviar as cartas, mas nem sempre cumpre com o combinado, embolsando o dinheiro recebido para a postagem.

A mãe de Josué, uma das pessoas atendidas por Dora, morre em um acidente de ônibus e seu filho fica sozinho na estação, em busca do pai que nunca conheceu. Inicialmente, a rabugenta professora não se abala com a história, assim como não se sensibilizava pelas cartas que escrevia, mas acaba levando o menino para casa.

O abrigo não dura muito. Dora leva Josué até uma instituição de adoção, negocia com os responsáveis e, com o dinheiro recebido, compra uma televisão. Sua amiga Irene

(Marília Pêra) a convence de que a instituição era ilegal e encobria o tráfico de órgãos, então ela se sente culpada e parte para o resgate da criança. A partir desse momento, Dora e Josué se unem na solidão e embarcam em viagem de fuga do Rio de Janeiro ao nordeste, a fim de encontrar a família do menino.

A viagem é uma busca pelas origens de Josué, mas, sem saber, Dora também entra em contato com suas memórias e sua própria história. A sinopse elaborada pelo diretor do filme, Walter Salles, ressalta o aspecto mais importante da trama:

Em Central do Brasil um garoto de nove anos parte à procura do pai que não chegou a conhecer. A viagem inverte o eixo de migração norte-sul e permite que o menino redefina a sua própria história. Ele é acompanhado na sua busca por uma mulher que se tornou insensível, cínica, mas que também busca a segunda chance que a libertará de sua existência mesquinha em uma pequeníssima odisséia: um garoto em busca do pai, uma mulher à procura dos seus sentimentos, um país à procura de suas raízes. Todos conhecem o significado da palavra perda, mas não abdicaram do direito de resistir, de mudar o curso das coisas. A procura do pai se confunde pouco a pouco com a procura de um outro Brasil. O Brasil de Central do Brasil é humanista e comovente, um país onde a

fraternidade e a compaixão ainda são possíveis. Um país onde a indiferença e o cinismo não cabem mais. (CINEMAIS, 1998, p.38-39).

Mas Dora não parte nessa busca com boa vontade. Ela tenta várias vezes deixar o menino sozinho e voltar para a sua rotina e o seu território conhecido, embora seja impedida todas as vezes. Dora menospreza o anseio pela figura paterna ao se lembrar da própria infância e de seu pai, a quem pouco conhecia. Esse momento reflete a aproximação das histórias de ambos e a abertura para que ela comece a ter uma nova visão do outro, com quem estaria ligada, querendo ou não.

Depois de desmaiar de exaustão no meio de um ritual religioso em uma cidade do interior de Pernambuco, Dora é acolhida por Josué e dá um grande passo em sua evolução emocional. Quando acorda, o menino a convence a escrever cartas para as pessoas da cidade que, dessa vez, precisam se comunicar com quem está nas cidades grandes. Dora é muito mais solícita do que no início e de fato envia as cartas.

A problemática de ambas as personagens caminha, pois, paralela e solidariamente, mas possui natureza e

conotação diversa. Se para o menino representa o encontro do futuro em sua interseção com o passado, para a professora aposentada não é apenas a fuga ao gangsterismo que a persegue, porque essa fuga é decorrência de sua paulatina humanização provocada pelos fatores que cercam a origem e o desenvolvimento de sua vinculação ao menino. Enquanto inserta na engrenagem da árdua luta pela sobrevivência em meio à insuficiente aposentadoria, sua postura e atuação caracterizam-se por acentuados egoísmo, insensibilidade, desonestidade e exploração da ingenuidade e confiança alheia. Submetida, porém, ao choque da constrangedora realidade do outro, ao qual laços emocionais sutis já a ligam, renasce-lhe e encorpam-se-lhe as fibras da convivência solidária. (BILHARINHO, 200, p.161)

Na visão de Walter Salles, Dora passa por um processo de ressensibilização, advindo do contato com o outro e com sua própria história. Ao ajudar Josué a encontrar suas origens, ela também entrou em contato consigo mesma e com suas memórias.

Ao fim, quando Josué encontra seus irmãos e Dora parte de volta para casa, é a vez dela mandar sua própria carta. Ela pede para que ele não a esqueça e, sempre que quiser, olhe a foto que tiraram juntos na feira de Pernambuco. O diretor explica “A questão da imagem não é decorativa, como é muitas vezes pra gente. Constitui-se

numa memória, numa necessidade intrínseca quase que de sobrevivência. Uma forma de resistir é lembrar a pessoa que se foi.” (CINEMAIS, 1998).



2.3. AQUARIUS *(Kleber Mendonça Filho, 2016)*

Aquarius é o nome do edifício na Praia de Boa Viagem, Recife, onde mora Clara (Sônia Braga), uma jornalista aposentada. Em seu apartamento, ela passou a juventude, criou três filhos e viveu com sua família por momentos felizes e durante a superação de um câncer de mama. Entretanto, uma construtora tem a intenção de demolir o prédio para construir outro, de visual mais moderno.

O filme começa com uma cena dos anos 80, numa noite qualquer em que Clara e seus familiares andam de carro pela praia. Essas mesmas pessoas seguem para o Aquarius, onde está acontecendo uma festa de aniversário para sua tia. O local é repleto de memórias. Em seus discursos de aniversário, os personagens relembram suas histórias e os móveis que os acompanharam em tantas situações. É esse apartamento, carregado de tantos afetos e lembranças, o principal alvo da construtora.

Clara é a única pessoa que não concorda em vender o apartamento e, a partir daí, sofre diversos tipos de assédio

para mudar de ideia. O espírito ávido por rapidez e lucro característico das construtoras é materializado no personagem Diego (Humberto Carrão), um jovem recém formado, repleto de ideais empreendedores e frieza, disposto a fazer o que for necessário para conseguir o último apartamento.

Desde sua primeira cena, quando bate na porta de Clara para discutir a proposta, Diego trata o prédio como apenas uma área de valiosos metros quadrados capazes de lhe gerar lucro e prestígio. Jamais um lar. Os outros apartamentos, já vazios, são deixados de portas abertas num gesto provocativo, e Clara insiste em fechá-las, como se fosse um sinal de respeito por alguém que já não está mais ali.

Apesar de seu apreço pelas memórias, Clara não tem um comportamento saudosista de quem acredita que o presente não é tão bom quanto o passado, e o futuro, menos ainda. Ela não parou no tempo. É viúva, mas não deixou de se relacionar. É aposentada, mas não deixou de ser ativa. Consome qualquer tipo de mídia e não se

escandaliza com redes sociais e com os relacionamentos de seus filhos e sobrinho. O próprio apartamento teve a planta modificada.

Clara não quer ficar presa do passado, não é dessa forma que ela enxerga a situação. É nesse descompasso de pontos de vista que se dá a origem de seu embate com os outros personagens, em especial a filha Ana Paula (Maeve Jinkings), quem questiona sua decisão de permanecer no apartamento, mesmo com todo o prédio vazio. O maior conflito de Clara é, na verdade, o de não ser compreendida.

O apartamento funcionar como um porto seguro da história e da identidade daquela família é um fato inquestionável e ainda muito relevante. O empreendimento da construtora ataca direta e fisicamente essa questão. Entretanto, acredito que exista um outro ponto ainda maior sendo pressionado com a demolição: o desrespeito por um modo de pensar que leva em consideração os vínculos.

Esse desrespeito não vem somente dos empresários, mas também de pessoas próximas a ela, como Ana Paula.

Disfarçado de boas intenções, Diego a informa que o empreendimento se chamará Novo Aquarius, porque “é uma forma de preservar a memória da edificação”. A filha, que apesar de não querer prejudicar Clara de forma alguma, deixa a preocupação com a segurança da mãe e o interesse financeiro na oferta de falar mais alto que sua sensibilidade.

Com assédios sucessivos e progressivos, Diego procura afetar Clara, que resiste bravamente a rituais religiosos, festas e orgias nos apartamentos vizinhos. A cartada final do empresário foi levar ao prédio colônias inteiras de cupins de demolição. O Aquarius estava com os dias contados.

Clara retribuiu o presente. A cena final mostra que, se a construtora também não estivesse perto de um fim, teria uma boa dor de cabeça. Ela e sua advogada reuniram documentos incriminadores, que complicariam a vida dos empresários, e os levaram até o escritório, juntamente com uma mala carregada de cupins.

ANA PAULA: *Mamãe, eu vou repetir, eu vou falar uma coisa que ninguém quer falar para a senhora. Mas eu acho que a senhora deveria vender esse apartamento. A senhora vai se livrar de um problema.*

CLARA: *Que problema?*

ANA PAULA: *É mamãe, só que nós três ficamos preocupados com a senhora, sozinha, num apartamento num prédio fantasma.*

CLARA: *Prédio o que, Ana? Prédio fantasma? Você não tem limite, né? A sua sensibilidade às vezes é uma coisa impressionante. A sua visão da vida.*

ANA PAULA: *Mamãe, estou falando que eu estou preocupada com a senhora. A senhora está vivendo em um prédio que não tem conforto, que ficou velho, que não tem segurança, que não tem estrutura nenhuma, ele tá vazio.*

CLARA: *Quando você gosta, é “vintage”. Quando você não gosta, é “velho”.*

(AQUARIUS, 2016).

2.4. AVENIDA PAULISTA *(Luiz Gê, 2011)*

O quadrinista Luiz Gê entrou em contato com suas próprias memórias para contar a história da Avenida Paulista através de quadrinhos.

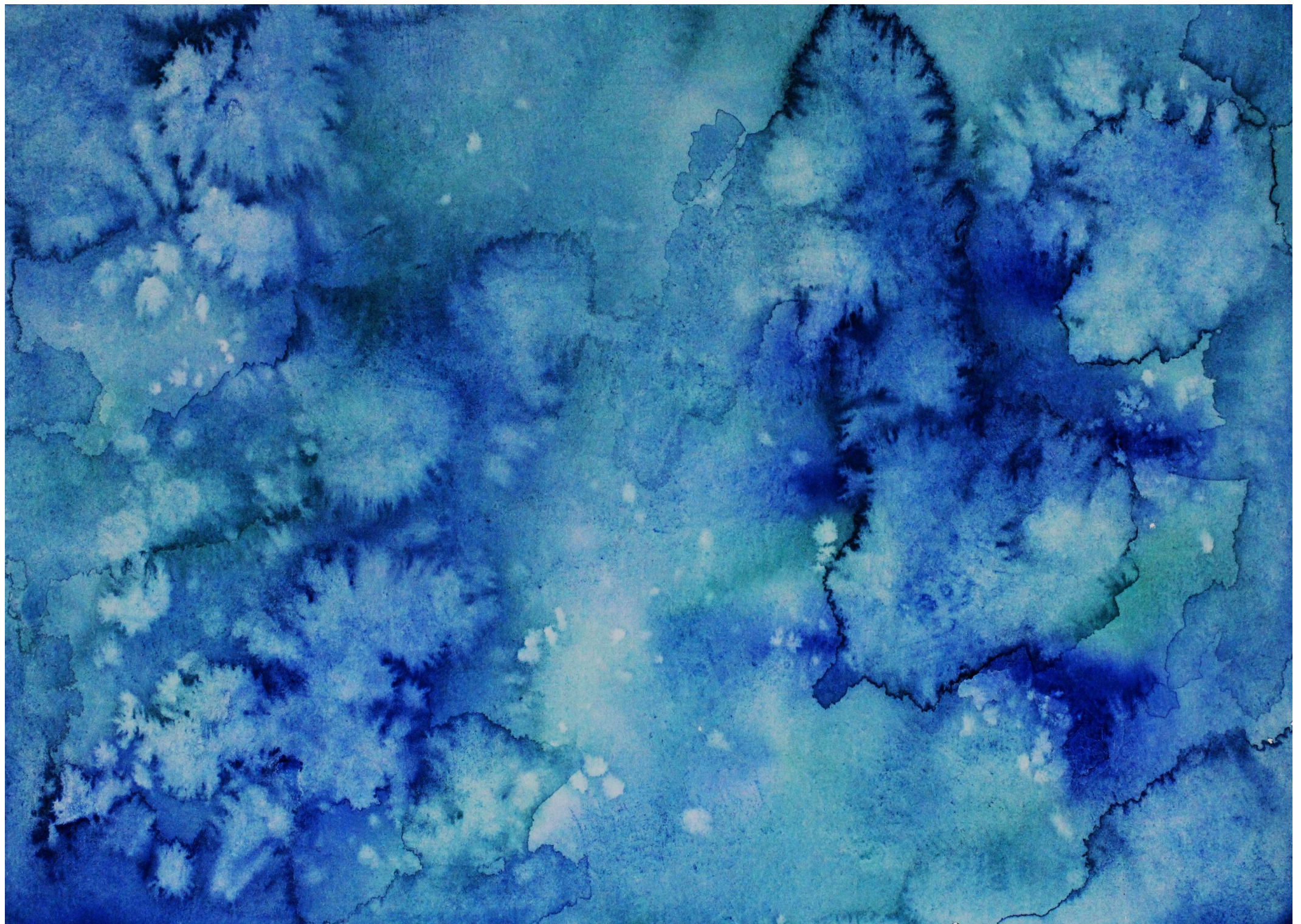
A minha lembrança mais antiga da Paulista é a de estar de pé no banco de um carro que transita em direção à praça Osvaldo Cruz, pouco depois de ter passado a avenida Brigadeiro. (...) A Paulista sempre foi marcante. Lembro-me desse dia, belo e de céu azul, da avenida, dos trilhos do bonde, do movimento dos carros — não muitos — indo e vindo, das árvores de grossos troncos encorpados e de tom claro, e do vulto das mansões que passavam atrás delas. Conectada inseparavelmente a essa memória sempre me vem a marchinha *Pescaria com seus versos Domingo é dia/ de pescaria/ eu pego o meu caniço e samburá* (...). (GÊ, 2011, p. 5).

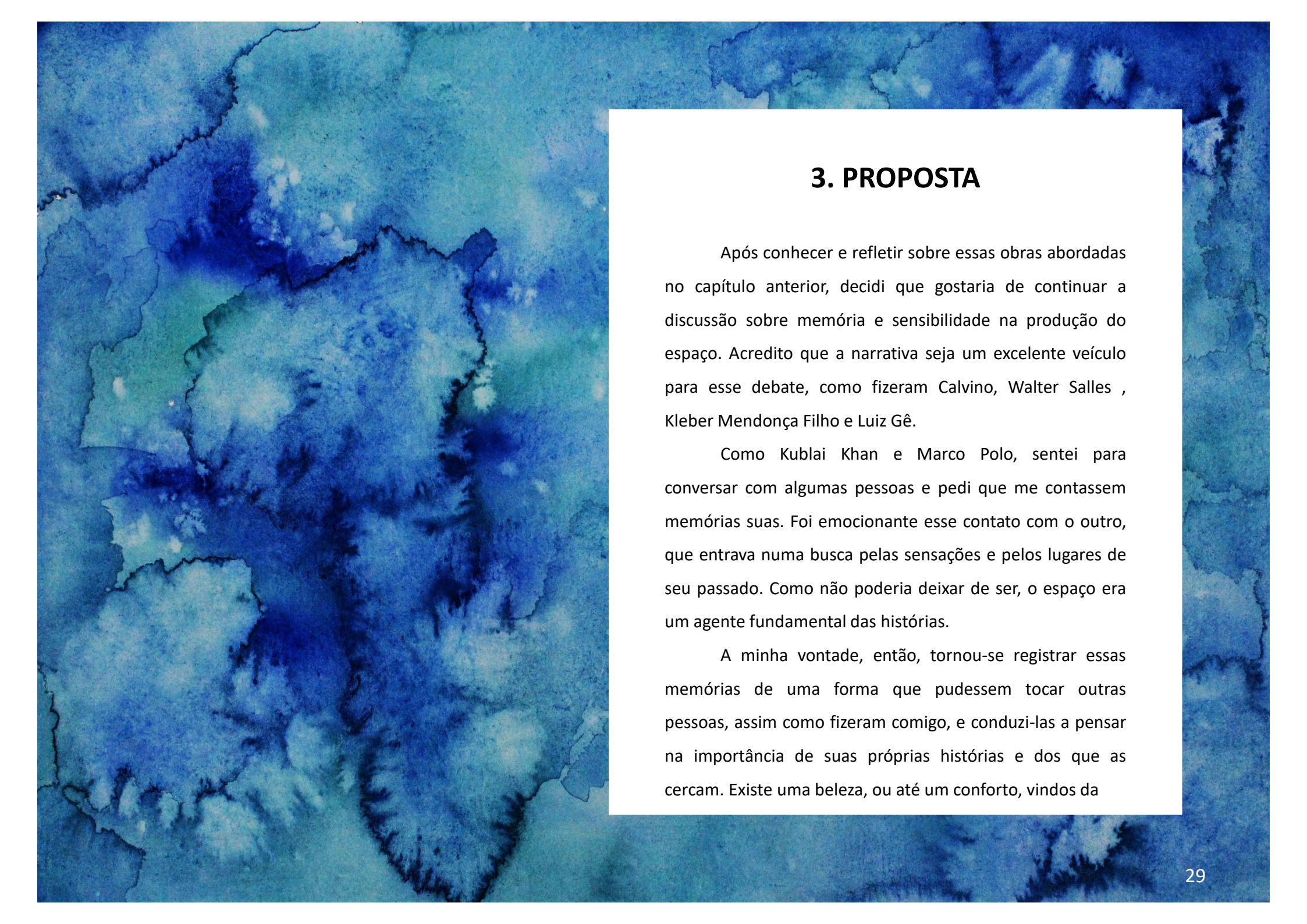
No início da revista, ele conta a relação que teve desde criança com a avenida de forma bastante sensorial. Lembra-se do carro, do céu, dos movimentos, das árvores e de uma música que associou ao local. Nas páginas seguintes, explica sua conexão com os quadrinhos, presentes em sua vida desde a época da faculdade de arquitetura. Sempre gostou de retratar a realidade urbana, geralmente São Paulo,

como um personagem dentro do roteiro. Pensando nisso, ao receber um convite da *Revista Goodyear*, Luiz Gê decidiu fazer um registro visual das vidas, coisas histórias e questões cercando os habitantes paulistanos.

A história retrata períodos desde antes da avenida existir, passando pela sua criação, pela fase dos casarões, a fase de transição e alargamento e até o da verticalização. Ao fim, o artista faz suas previsões para o futuro do local, trazendo seus próprios elementos de ficção.

Esses quadrinhos foram muito inspiradores, primeiramente devido à conexão do autor com o tema, mas também por ter representado tão bem a cidade na História. A simplicidade da narração e a arte, desenvolvidas por Gê, tornaram a história de São Paulo acessível a qualquer público, promovendo a aproximação entre cidadãos e memória.





3. PROPOSTA

Após conhecer e refletir sobre essas obras abordadas no capítulo anterior, decidi que gostaria de continuar a discussão sobre memória e sensibilidade na produção do espaço. Acredito que a narrativa seja um excelente veículo para esse debate, como fizeram Calvino, Walter Salles , Kleber Mendonça Filho e Luiz Gê.

Como Kublai Khan e Marco Polo, sentei para conversar com algumas pessoas e pedi que me contassem memórias suas. Foi emocionante esse contato com o outro, que entrava numa busca pelas sensações e pelos lugares de seu passado. Como não poderia deixar de ser, o espaço era um agente fundamental das histórias.

A minha vontade, então, tornou-se registrar essas memórias de uma forma que pudessem tocar outras pessoas, assim como fizeram comigo, e conduzi-las a pensar na importância de suas próprias histórias e dos que as cercam. Existe uma beleza, ou até um conforto, vindos da

sensação de termos vivido coisas semelhantes e tido sentimentos parecidos. Essa identificação com o outro nos leva a uma compreensão maior de nós mesmos e do que nos cerca.

Durante os diálogos, pude perceber que as narrativas eram sobre acontecimentos tão corriqueiros, que a própria pessoa parece não ter refletido muitas vezes sobre a importância e as saudades sentidas de tudo aquilo. Isso me motivou a retratar coisas talvez despercebidas por todos os outros presentes naquele local e naquela época, mas não para a pessoa com quem conversei. São fragmentos de histórias cotidianas, sem nenhum evento muito especial, mas que despertaram sensações marcantes o suficiente para ainda serem lembradas anos depois.

Considerando a proximidade que sempre tive com o desenho e a importância deste instrumento para o arquiteto, optei por desenhar. Através dos desenhos, eu poderia retratar melhor tudo o que vai além do espaço físico e recontar essas narrativas para outras pessoas. Meu interesse se voltou para as sensações experienciadas pelas pessoas

com quem conversei, mais até do que tentar reconstruir o espaço como ele realmente era. A isso, seguindo o conceito de Peter Zumthor, chamarei de *atmosfera*.

É importante enfatizar que não busco recriar no papel o espaço tal qual ele era, até porque não seria possível ter total compreensão dele sem ter estado lá na época descrita. Meu objetivo é representar a interpretação feita pela pessoa com quem conversei, destacando detalhes, percepções e experiências muito particulares de cada uma.

4. ATMOSFERAS

Zumthor (2009) denomina de “atmosfera” tudo aquilo que tem “uma presença tão bela e natural” que é capaz de tocar as pessoas. A atmosfera se comunica imediatamente com nossa percepção emocional, podendo despertar compreensão, conexão ou recusa. É aquele sentimento provocado por todas as artes e também pela arquitetura. Ele exemplifica através de um apontamento:

“É Quinta-feira Santa de 2003. Sou eu. Estou ali sentado, uma praça ao sol, uma arcada grande, longa alta e bonita ao sol. A praça - frente de casas, igreja, monumentos - como panorama à minha frente. A parede do café nas minhas costas. A densidade certa de pessoas. Um mercado de flores. Sol. Onze horas. A parede do outro lado da praça na sombra, em tons agradavelmente azuis. Sons maravilhosos: conversas próximas, passos na praça, pedra, pássaros, um leve murmúrio da multidão, sem carros, sem barulho de motores, de vez em quando ruído de obra ao longe. Os feriados a começar já tornaram os passos das pessoas mais lentos, imagino. (...)”. Agora, o que é que me tocou? Tudo. Tudo, as coisas, as pessoas, o ar, ruídos, sons, cores, presenças materiais, texturas e também formas. (ZUMTHOR, 2009, p. 15)

Despertar essas sensações é um ofício do arquiteto e do artista. Segundo o autor, existem procedimentos e instrumentos que podem ser levados em consideração por um arquiteto interessado na atmosfera de seu projeto. Ele resume esse trabalho em nove ferramentas: a anatomia do espaço, os materiais, o som, a temperatura, os objetos, a serenidade e a sedução, a relação entre interior e exterior, a intimidade e a luz.

Para Zumthor (2009), a combinação de todos esses elementos cria espaços cheio de significados, almejados por ele em seus projetos. O autor se alegra ao imaginar que um edifício, uma rua ou uma praça podem ser lembrados anos depois, talvez porque foi ali que alguém beijou seu primeiro amor, ou por qualquer outro motivo. O importante é que esses lugares tocaram, comoveram, aliviaram e ajudaram alguém. Isso é o que motiva Zumthor a projetar.

Durante minhas entrevistas, percebi uma ênfase muito grande dada a essas atmosferas. Elas realmente são partes fundamentais de nossas memórias. Algumas pessoas

mencionam os sons, outras se lembram bem dos materiais e outras destacam as cores, sem nunca esquecer os elementos mais afetivos que os conectaram ao lugar. Acredito, portanto, que esses elementos não poderiam faltar nas minhas representações dessas narrativas.

5. A IMPORTÂNCIA DO DESENHO

A linguagem principal de um arquiteto é o desenho. Esta ferramenta é utilizada para elaborar, delinear e configurar uma ideia, possibilitando-a sair da mente do projetista e comunicar-se com o mundo (BATLLE, 2011).

O desenho é um canal de comunicação. Este é um meio utilizado desde o momento da concepção de ideias, do criador consigo mesmo, até o instante de transmiti-las para as outras pessoas.

Se o desenho não é arquitetura, ele está em sua base. Em sua dissertação, BATLLE (2011) discute sobre o papel do desenho na formação do arquiteto:

Assim, conforme ARNHEIM (1988, p.i.) “...toda percepção é também pensamento, todo raciocínio é também intuição, toda observação é também invenção...”. Entratanto, a vivência, o processo de perceber, a formação de repertório, a definição de critérios, o estabelecimento de valores do indivíduo só são possíveis se houver uma gradual e crescente

acuidade visual, ou seja, um treinamento direcionado ao aprimoramento do olhar desse aluno e futuro arquiteto, permitindo que ele observe melhor o mundo que os cerca, os espaços, as formas, as proporções, as texturas, as cores, as luzes e sombras. (BATTLE, 2011, p. 14).

Utilizado como forma de expressão das crianças, o desenho é muito útil para falar de si, para interpretar o mundo, relatar suas descobertas e até para serem compreendidas sobre coisas que não conseguem expressar com a linguagem verbal (ARAÚJO, 2014). Em pesquisa realizada pela autora, ARAÚJO (2014) foi observado que o desenho perde sua finalidade de expressão durante o crescimento do indivíduo. Ao analisar uma turma de alunos recém-chegados no curso de Arquitetura e Urbanismo do IAU, notou-se que alguns detalhes importantes para a composição se perdem, talvez pela falta de observação e atenção com os espaços e pessoas.

A pesquisa também aponta para a falta de expressividade nos desenhos destes alunos, em comparação com os traços, rabiscos e pinturas das crianças em fase de pré-alfabetização. Para um adulto, o desenho perde seu

caráter investigativo e expressivo, pois ele descobre outras formas de se comunicar.

Este trabalho busca, também, reforçar a importância dessa ferramenta e de sua enorme capacidade expressiva. Aqui, o desenho procura representar locais, situações e sentimentos que não foram e nem poderiam ser registrados de outra forma. Embora existam fotografias e vídeos que registrem esses lugares, nenhuma outra forma de linguagem poderia expressar os sentimentos, os detalhes e as cores que ficam gravados na memória das pessoas.

6. METODOLOGIA

Considerando a discussão feita a partir das obras, a proposta que surgiu em decorrência dessas ideias e os conceitos utilizados, elaborei uma metodologia para prosseguir com o trabalho.

A seguir, explicarei um pouco sobre a escolha da cidade, como foram feitas as entrevistas e o que foi considerado no processo de desenhar essas narrativas.

6.1. A CIDADE

São José do Rio Preto é um município do norte do estado de São Paulo com cerca de 456 000 habitantes, sendo considerado o décimo primeiro mais populoso do estado (IBGE, 2018). Foi fundada em 1852 em decorrência de expedições de mineiros que se fixaram na região do Rio Preto para exploração agrícola e criação de animais. A partir de 1912, com a chegada da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA), São José do Rio Preto se tornou um importante pólo comercial, posto que ocupa até hoje (PREFEITURA DE RIO PRETO, 2018).

Escolhi essa cidade em decorrência da minha própria relação com ela: é minha cidade natal e onde vivo até hoje. Nesse curto período de tempo, já vi profundas transformações ocorrendo em seus espaços em decorrência da rapidez de seu crescimento populacional. Como prova disso, basta compararmos o censo do IBGE de 2010 com a estimativa populacional para 2018: avalia-se um aumento de cerca de 50 000 habitantes em apenas oito anos (IBGE, 2018).

Devido a essas rápidas mudanças, imaginei que os habitantes rio-pretenses tenham formado memórias muito distintas dos mesmos lugares, que guardam décadas e décadas de histórias. O compartilhamento dessas diferentes visões pode facilitar a compreensão de uma cidade tão relevante para o estado de São Paulo.

6.2. AS ENTREVISTAS

Foram entrevistadas pessoas de diversas idades e classes sociais, todas com algo em comum: fortes memórias afetivas de São José do Rio Preto. Cheguei a cada entrevistado de uma maneira diferente, como será evidenciado durante o capítulo de cada um.

Alguns já eram conhecidos meus e carregavam memórias que não poderiam ser deixadas de fora. Outros, completamente desconhecidos, abordei nas ruas rio pretenses. Outras pessoas, ainda, que tomaram conhecimento sobre o meu trabalho, chegavam até mim ansiosas para contar suas próprias memórias.

Cada entrevista se deu de um jeito particular, mas sempre busquei interferir o menos possível, deixando a pessoa confortável para contar o que quisesse da maneira que lhe viesse à mente. Acredito que, dessa forma, consigamos uma maior autenticidade na descrição de sensações e sentimentos despertados por cada local, sem as racionalizações de perguntas previamente elaboradas.

As entrevistas foram, acima de tudo, conversas livres e despretensiosas. Em alguns casos, nem mencionei que se tratava de um trabalho, para não gerar nenhum tipo de desconforto ou afetar as respostas. Por isso, preservarei a identidade das pessoas e utilizarei nomes fictícios nesses casos. As idades, entretanto, são todas reais. O registro das falas foi feito por câmera de celular ou por escrito e estarão todas transcritas em seus respectivos capítulos.

6.3. OS DESENHOS

Reverendo as anotações e gravações, comecei a elaborar desenhos que pudessem contar as memórias descobertas para outras pessoas. Minha prioridade se fixou nas emoções dos discursos e nas descrições, não me preocupando em ser muito fiel à imagem verdadeira do local. Transmitir a memória e a atmosfera que a torna tão afetiva foi o aspecto mais importante a se considerar nos desenhos.

Em alguns casos, as conversas aconteceram no mesmo local da memória que estava sendo contada, então a pessoa não sentia necessidade de descrevê-lo. O mesmo acontecia com locais que já são muito conhecidos por pessoas da cidade. Nessas situações, portanto, desenhei o local como eu estava o observando no momento, ou até com auxílio de imagens fotográficas, mas dando prioridade e até exagerando os elementos destacados nas falas.

Nos casos em que os locais narrados já não existem mais ou estão muito modificados hoje, pedi descrições mais aprofundadas e também utilizei fotos encontradas no

Arquivo Municipal de São José do Rio Preto. Ainda assim, alguns locais não foram fotografados na época e os desenhos foram compostos apenas por descrições dos entrevistados.

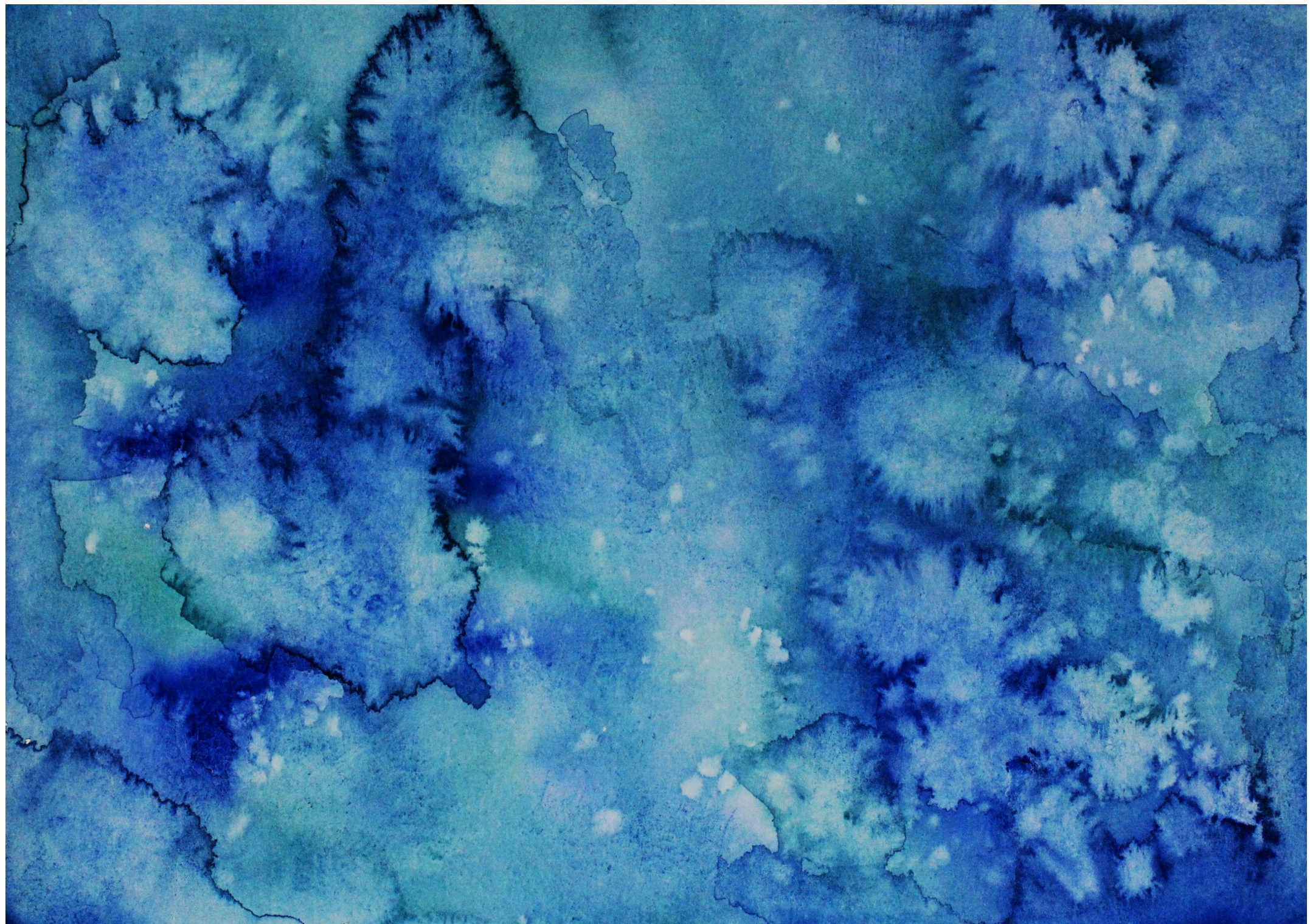
Nenhum dos desenhos é, portanto, uma representação fiel daqueles lugares. Pensando nisso, escolhi utilizar apenas dois materiais em todos os desenhos: nanquim e aquarela. Os borrões de aquarela conseguem transmitir as cores, a luz e a sombra tão frequentemente mencionadas nas entrevistas, mas também mostra a incerteza de uma memória já incapaz de delimitar cores exatas e rostos. A linhas finas de nanquim criam contornos pouco precisos, como a memória, e ajudam a guiar a aquarela para destacar alguns dos elementos mencionados na conversa.

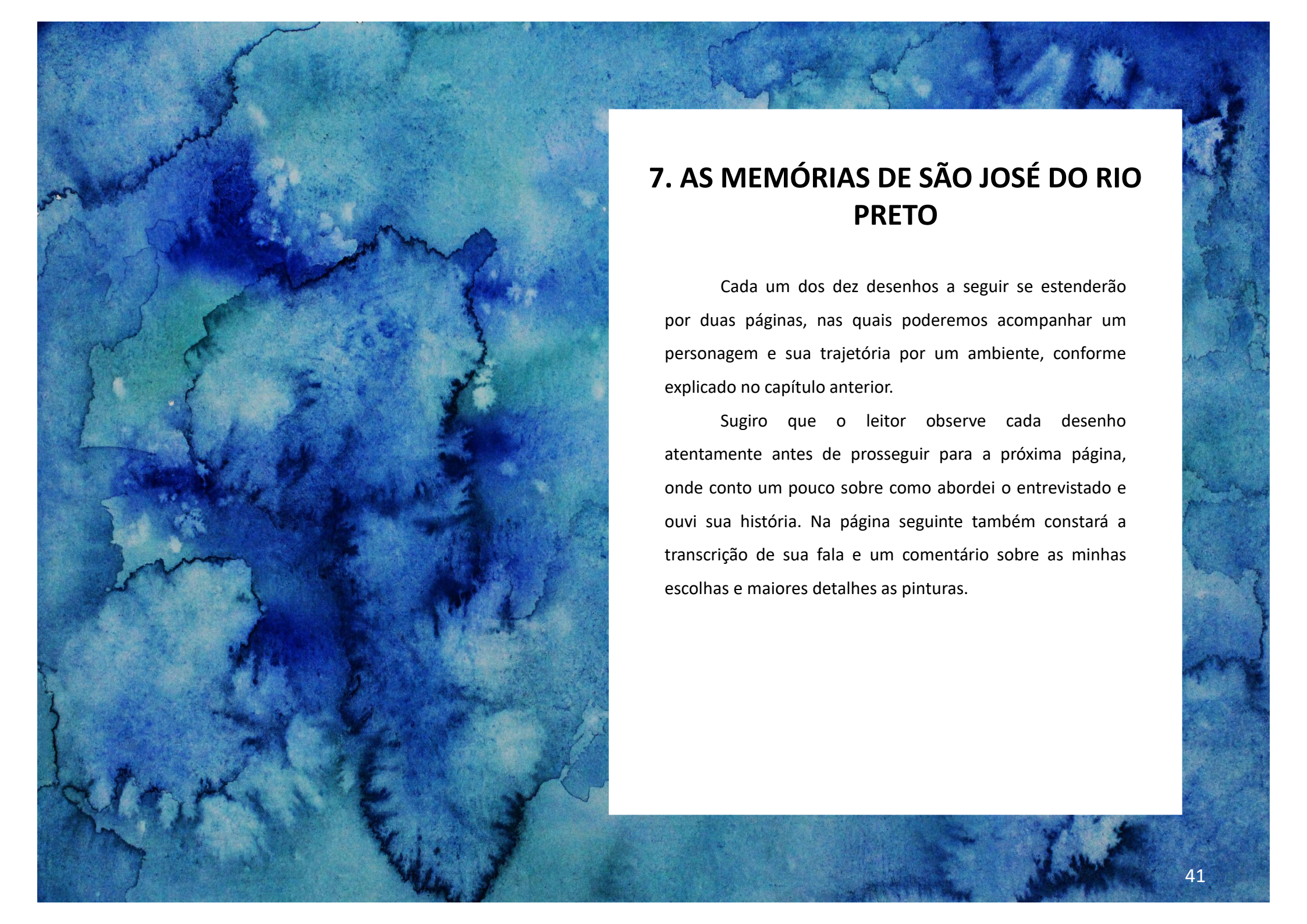
Além disso, notei que as memórias contadas não se limitavam apenas ao local ou às sensações de estar ali, naturalmente. Cada memória era uma narrativa de eventos, ações e percursos, então não seria suficiente expressá-la através de uma representação estática e apenas focada no lugar. Pensando nisso, os desenhos buscam acompanhar o

narrador, transformado em personagem, durante suas várias formas de interação com o espaço de sua memória. Ao longo de cada desenho, podemos ver o trajeto de um personagem destacado e a passagem do tempo.

É importante ressaltar que, apesar de todo o cuidado e respeito para com as falas dos entrevistados, é inevitável que a minha própria visão seja impressa nos desenhos. As escolhas de materiais, linguagem, cores e posicionamento de perspectiva foram, afinal, minhas. Mas também foram escolhas estudadas e pautadas no objetivo de expressar aquilo que me foi contado da melhor forma, visualmente.

No capítulo seguinte estarão os desenhos, as transcrições e maiores explicações sobre cada um.



The background of the page is an abstract watercolor painting in shades of blue and green. It features soft, blended colors with darker, more saturated areas and lighter, almost white highlights, creating a textured, organic feel. The colors are distributed unevenly, with some areas appearing more vibrant than others.

7. AS MEMÓRIAS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Cada um dos dez desenhos a seguir se estenderão por duas páginas, nas quais poderemos acompanhar um personagem e sua trajetória por um ambiente, conforme explicado no capítulo anterior.

Sugiro que o leitor observe cada desenho atentamente antes de prosseguir para a próxima página, onde conto um pouco sobre como abordei o entrevistado e ouvi sua história. Na página seguinte também constará a transcrição de sua fala e um comentário sobre as minhas escolhas e maiores detalhes as pinturas.





7.1. DÉBORA, 39 ANOS

No meio da tarde, na Praça Rui Barbosa, vários artesãos se reuniram para montar suas barraquinhas. Expunham desde marca-páginas bordados à mão até roupas, móveis e esculturas detalhadas. Uma das vendedoras notou minha curiosidade e me chamou para olhar mais de perto. Perguntei há quanto tempo ela bordava e Débora me contou um pouco de sua história com o crochê e com a Praça Rui Barbosa.

“Faz vinte anos que eu tenho essa banca. A gente se reúne aqui todo mês, mas também passa por outros lugares da cidade. Hoje é o último dia aqui e depois vamos lá pro Recinto. Você deu sorte.

Aqui eu faço coisas personalizadas, para aniversário, casamento, enxoval, qualquer coisa. Tem toalha, pano de prato, tapete, porta-jóia... Até decoração pra festa a gente faz, eu e minha irmã. Tudo do jeitinho que a pessoa quiser, não é que nem essas coisas compradas em loja.

O movimento aqui é forte, sim, graças a Deus. Gosto demais

daqui da praça. A gente chega cedinho, monta a barraca, arruma as coisas, e sai só no fim da tarde, pra voltar no dia seguinte. A gente também fica em outros lugares, mas eu gosto mais daqui.

De vez em quando querem tirar a gente daqui, sabe? Mandar lá para a outra praça. Mas aqui é muito melhor e a gente já tá aqui há tanto tempo, pra que mudar? Eu gosto da sombra das árvores, do movimento. Gosto de ouvir o barulho da fonte. E eu fico aqui, bordando. Esse tapete aqui, terminei agorinha. Uma moça acabou de levar um parecido.

Minha mãe me ensinou crochê quando eu era criança. Nunca mais parei, adoro isso aqui. É tão gostoso, não é? Fazer um negócio que a gente gosta, fazer presente para deixar as pessoas felizes. E se não tiver ninguém pra presentear também não faz mal, não tem nada melhor do que agradecer a si mesma.”

A Praça Rui Barbosa, uma das mais antigas da cidade, localizada na área central, recebe vários tipos de trabalhadores todos os dias.

O desenho mostra um dia inteiro de trabalho de Débora, desde a hora em que ela chega na praça para arrumar sua barraquinha até a hora de ir embora, como foi narrado por ela mesma em sua fala. A passagem do tempo fica evidente nas cores de fundo: à esquerda vemos um azul claro numa transição para um tom mais escuro e arroxeadado até à direita.

Vemos a figura da personagem principal se deslocando pelo espaço: ela arruma seus produtos em cima da bancada, senta-se embaixo de uma árvore enquanto não há clientes, mas logo volta para oferecer um bichinho de crochê a uma cliente curiosa. Ela contempla o movimento e a sombra até a hora de retirar os objetos para desmontar a barraca, como retratado em sua última ação.

A partir daí, busquei destacar os elementos mais mencionados. A barraquinha e os crochês, que receberam as cores vibrantes características do próprio trabalho da artesã, ficam em primeiro plano para evidenciar o tipo de uso dado à praça por Débora.

O movimento, qualidade marcante da Praça Rui Barbosa mencionada na conversa, foi retratado através de borrões coloridos pouco definidos, numa tentativa de despertar a mesma sensação descrita por ela. Em um local movimentado, não se memoriza os detalhes e características dos transeuntes, mas a sensação de movimento permanece na memória.

A fonte e a sombra das árvores, elementos importantes na relação afetiva de Débora com o lugar, estão presentes ao fundo e procuram mostrar ao leitor um pouco sobre a Praça Rui Barbosa e um pouco sobre a artesã que lá trabalha todos os meses.





7.2. CLARICE, 82 ANOS

“Confete

Pedacinho colorido de saudade

Ai, ai ai, ai

Ao te ver na fantasia que usei

Confete, confesso que chorei

Chorei porque lembrei

Do carnaval que passou”

“E ia embora a música...”

Minha avó canta essa música todo carnaval. Naquele dia, nós estávamos em casa e passava uma matéria sobre carnaval na televisão. Inevitavelmente, ela se lembrou de como era a folia na Praça Rui Barbosa quando mais nova.

“O carnaval era a coisa mais linda. A gente ficava no jardim e, dentro das barraquinhas tinha tudo as mesinhas, tinha churrasco... Então o que a gente fazia: fazia aquele cordão entre as mesas. Ninguém brigava, não tinha briga, não tinha nada. Ia eu, meu namorado, minhas amigas com os namorados delas, aí a gente ia cantando entre as mesas.

Um pegava nas costas do outro ou, se era muito alto, pegava na cintura e ia cantando. A gente fazia trança no cabelo, outra punha fita no cabelo, porque a gente não vestia fantasia. Aí depois a gente ia tudo para o Bancário. Sabe o Cine Rio Preto? Onde hoje é o Praça Shopping? Na parte de cima era o Bancário, um clube.

Mas lá no jardim, o povo jogava tanto confete e serpentina, que enrolava tudo na gente. Tão bonito que era aquilo, nossa. Ficava tudo iluminado, eles colocavam aquele monte de luzinha, até nas árvores..

As mulheres usavam tranças, laços e chapeuzinhos de lantejola. A gente também usava saia de cetim, blusa de manga bufante, uns colares compridos, pulseiras. Os homens usavam cartola, camisa xadrez e calça. Era tudo sempre muito colorido.

Tinha também o corso, que era um monte de carros enfeitados e com gente fantasiada dentro. Ele passava na Rua Bernardino de Campos, na frente do Cine Rio Preto e do lado da Catedral. Eu tinha uma conhecida que morava no Edifício Itamarati, ali na frente do jardim, e ela descia com a

gente também.

Era uma maravilha, viu? E foi acabando. Uns foram casando, mudaram de Rio Preto, outros foram criando muito filho, já não dava mais pra ir. Acabou o carnaval, acabou as barraquinhas, acabou o Cine Rio Preto.

Aqui já é outro São José do Rio Preto. Esse que eu tô falando é Rio Preto do passado.”

A mesma praça retratada na entrevista anterior, recebe aqui uma outra visão, de décadas antes das memórias de Débora. O centro da cidade era o local dos foliões dos anos 50, como Clarice.

Aqui, seguimos a personagem destacada em branco em meio aos borrões de cores, luzes, balões, confetes e serpentinas repletos de energia. Podemos vê-la chegando na praça com seus amigos, participando do cordão de foliões entre as mesas e indo até a rua, atrás do corso.

Como sua narrativa envolvia muitos detalhes de vestuário, tentei acrescentá-los à multidão,

ainda que de forma pouco definida. Encontramos saias rodadas, camisas xadrez, mangas bufantes e cartolas compondo a cena da praça, juntamente com mesas e barraquinhas.

O edifício no centro da imagem representa o antigo Cine Rio Preto (atual Praça Shopping). Em seu primeiro andar, iluminado, está o Bancário, clube para onde Clarice ia depois da praça. À esquerda, também iluminado, vemos o Edifício Itamarati, o primeiro edifício de São José do Rio Preto. Com cinco andares, na época era uma das maiores edificações da cidade. À direita, dando as costas para a Praça Rui Barbosa, está a antiga Igreja Matriz de São José.

O destaque vai para a folia, tema central da fala de Clarice, mas os edifícios mencionados e as descrições do lugar mostram como todo o entorno teve um impacto relevante nas memórias de seus carnavais.





7.3. JULIO, 55 ANOS

Quando perguntei ao meu pai sobre algum lugar que faça parte de suas memórias, a primeira coisa de que se lembrou foi a antiga igreja matriz de São José, demolida em 1970. Ele explica que o bispo da época almejava um edifício mais novo e moderno, que nada tinha a ver com a edificação existente. Optaram, então, por sua demolição, o que gerou um grande desconforto entre os fiéis.

“Ah, eu lembro da Catedral. É engraçado, porque às vezes eu ainda sonho que tô lá.

Eu achava bonita. Parecia coisa europeia. Ela era alta e toda colorida por dentro, cheia de pintura. Tinha umas janelas redondas perto do altar. E tinha bastante coisa de madeira escura: o altar, os bancos. Do lado dos bancos tinha um corredor cheio de imagens e janelas.

Eu ia de manhã, com a minha mãe. Tinha uns oito, nove anos na época, então não lembro direito como era. Mas a gente chegava de ônibus. O terminal ficava na praça, todo mundo pegava ônibus ali. Aí a gente chegava na praça,

atravessava a praça, subia uma escada e entrava na igreja.

Ela tava vazia quando a gente ia. Não era horário de missa. Minha mãe sentava no banco e ficava rezando, mas eu achava aquilo tudo muito chato, então saía andando pela igreja. Era um silêncio...

Eu ficava explorando os lugares, até que teve um dia que encontrei uma escada estreita que subia para um corredor muito comprido, cheio de porta. Devia ser depósito, administração da igreja, não sei. Mas eu ficava andando por aquele corredor. Era cheio de quadros, mas não lembro do que. Não lembro das pinturas também, só lembro que tinha.

Na época não pensei muito sobre a demolição. Até vi ela sendo demolida. Só achei um absurdo quando construíram a nova, aquela coisa horrível. Nunca vi igreja daquele jeito, nem terminaram a construção. Não existe igreja sem sino.

Rio Preto ficou sem catedral.”

Para desenhar a igreja demolida, pude contar apenas com as descrições de Júlio, pois não encontrei fotografias de

seu interior, que era o foco principal da narrativa.

Acompanhamos o trajeto de um menino curioso em explorar a igreja, começando na porta, passando pelos bancos e corredores laterais até chegar no altar. Como as imagens e cores não estavam claras em sua memória, os borrões de aquarela ajudam a transmitir a incerteza das formas juntamente com a certeza das cores. Os tons de marrom remetem aos elementos de madeira de que ele se lembrava com maior intensidade.

A representação da igreja vazia, apenas com a repetição dos dois personagens — menino e mãe — ajuda a transmitir o silêncio do local. A escala da edificação também fica evidente, alta e cheia de cantos desconhecidos prontos para serem descobertos por uma criança.





7.4. RAUL, 80 ANOS

Caminhando pelas praças do centro riopretense, encontrei um senhor, de cabelos já muito brancos, sentado em um banco. Ele observava um grupo de jovens distribuindo panfletos na calçada. Olhou para mim e sorriu. Perguntou se eu trabalhava.

“Sabe, meu primeiro emprego foi na Casa Bueno, uma loja que hoje já nem existe mais. Era uma loja muito grande ali na Rua Bernardino, onde hoje é o Giga. Lá tinha várias sessões... É loja de departamento que fala hoje, né? Tinha sessão de tecidos, camisaria, chapéu, calçados, tinha de tudo. Eu trabalhava na sessão de calçados. Era tudo muito fino, era muito bacana a loja. E ela era enorme, pegava quase o quarteirão inteiro, tinha muitos funcionários.

Todo mundo conhecia, porque era uma loja de artigos muito bons. Não era coisa de gente que não tinha dinheiro. Era só pra quem podia mesmo. Eu só ficava olhando.

Eu lembro de ficar na porta da loja com um colega meu e eu ficava paquerando uma moça que trabalhava na Casa

das Meias, logo na frente da Casa Bueno, né. Lembro de falar pro meu colega ‘Tá vendo aquela moça ali? Eu vou casar com ela.’ E casamos mesmo. Fizemos 58 anos de casados esse ano.

De fim de semana, ali na rua Bernardino mesmo, na frente da loja, tinha o footing. Era onde os jovens iam pra paquerar na rua. Todo mundo saía muito bem arrumado. Aí os homens ficavam na calçada e as moças saíam andando pela rua. Se a gente achava alguma moça bonita, puxava pra bater papo. Muita gente começava a namorar assim, depois até casava. Mas eu gostava mesmo era da moça da Casa das Meias.

Sinto muitas saudades da Casa Bueno. Hoje em dia tem internet, né, dá pra encontrar foto, meu filho me mostra às vezes. Sempre me emociono quando vejo ela de novo.”

Para retratar a Casa Bueno conhecida por Raul, recorri a imagens do Arquivo Municipal de São José do Rio Preto, já que é um local completamente diferente hoje e sua fala não foi tão focada em descrições. Por isso, tentei deixar os traços o mais simples possível, o suficiente apenas para que o leitor

possa identificar o lugar como uma loja muito grande, como foi relatado por Raul.

Neste desenho, seguimos o personagem em duas situações e, provavelmente, em dois dias diferentes. À esquerda, Raul participa do *footing* com seus colegas na calçada, enquanto as moças passeiam pela rua. À direita, ele se encontra em um dia de trabalho e o acompanhamos desde o momento em que chega na loja até o fechamento.

Durante nosso trajeto pelo seu dia, podemos vê-lo na porta da loja, com os artigos ao fundo, atendendo clientes e até acenando para a moça da Casa das Meias, que acena de volta.





7.5. HELENA, 50 ANOS

Na saída do cinema do shopping, — o único tipo de cinema que resta em Rio Preto — eu e meu amigo paramos para olhar os outros filmes em cartaz. Comentávamos sobre o último cinema de rua da cidade, que fechou há alguns anos. Uma mulher aguardando alguém, próxima aos sanitários, foi tocada pelo assunto.

“Eu lembro muito dos cinemas de antigamente. Tinha o Cine Rio Preto, o Cine Capitólio, Cine Eldorado... Mas eu lembro de ir mais no Cine São Paulo. Era ali na parte de baixo do Hotel São Paulo, onde hoje tem uma farmácia, eu acho. Tem alguma coisa comercial ali, não é?”

Mas o cinema era muito bom, muito bonito. Ficava cheio de gente e era bem maior do que os cinemas que tem hoje em shopping. Era muito mais gostoso.

Eu gostava de ir no fim da tarde. Ia sempre com uma prima minha, ou com alguma amiga. Meu pai tinha uma kombi e ele levava todo mundo pra todo lugar com ela. A gente andava a cidade inteira naquela kombi. Aí ele deixava

a gente na porta do cinema, a gente entrava, e depois ele vinha buscar quando o filme acabava.

Era esse o meu passeio preferido.”

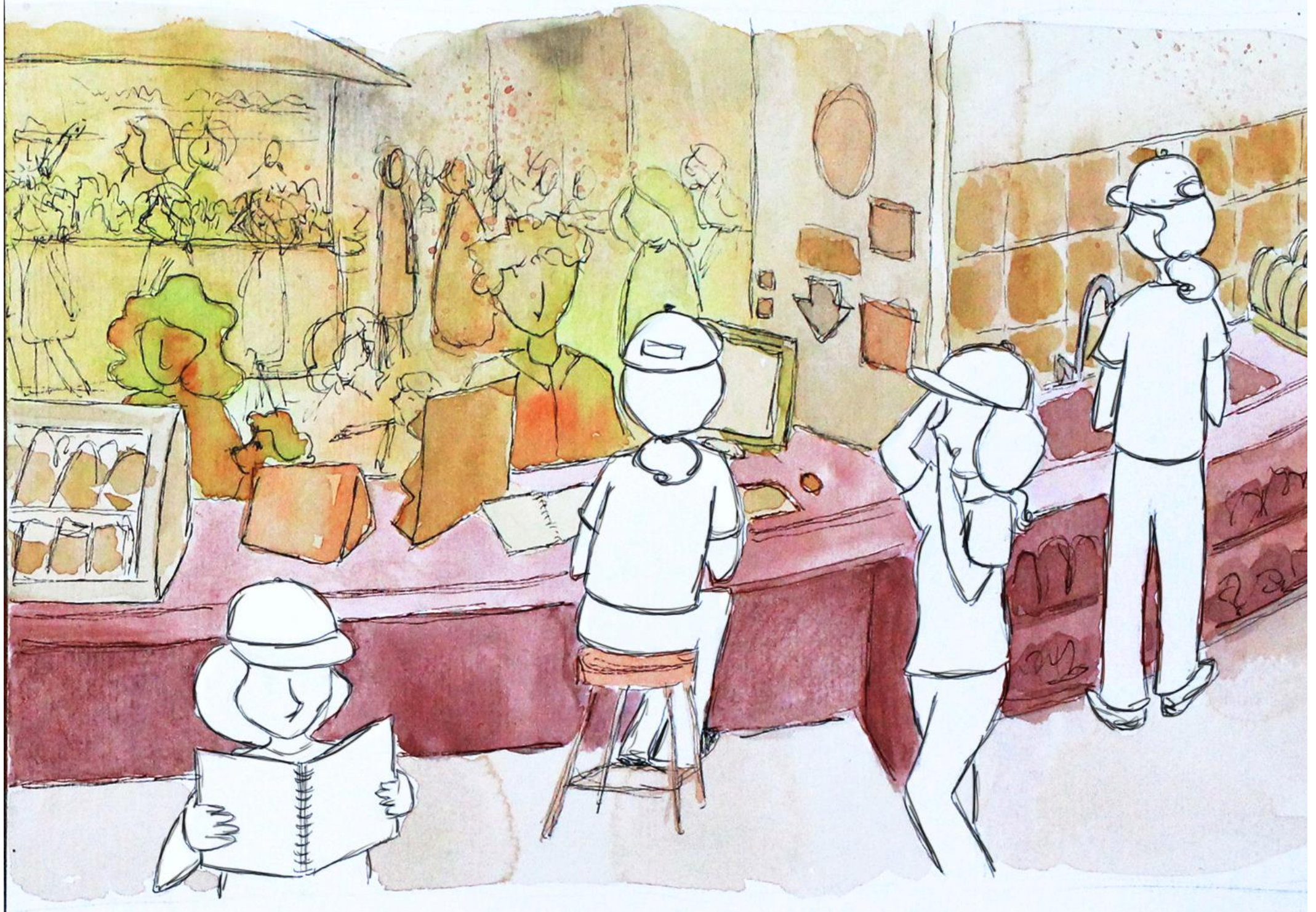
Na outra esquina da Casa Bueno mencionada por Raul, estava no Cine São Paulo, no andar térreo do Hotel São Paulo, que funciona até hoje. Aqui, seguimos Helena e sua prima, destacadas em laranja, do momento em que saem da Kombi até entrarem no cinema. A passagem do tempo também fica evidente na cor do fundo, que passa de um arroxeadado de fim de tarde até um azul escuro mais noturno.

Como é um edifício muito conhecido da cidade e como foi uma rápida conversa, Helena não se deteve muito a descrições. Sendo assim, recorri mais uma vez ao Arquivo Municipal a fim de conseguir algumas imagens do local, que não era muito diferente de hoje.

A Kombi, o cinema e o movimento foram os elementos que ficaram na memória de Helena e, portanto compareceram no desenho. Os prédios ao redor caracterizam a “cidade inteira” por onde ela e o pai andavam de Kombi, bem como

uma das características mais marcantes do centro de São José do Rio Preto: a verticalização.





7.6. VANESSA, 19 ANOS

Entrei no Mercado Municipal e me sentei para comer um pastel em uma das mais tradicionais pastelarias da cidade. Do outro lado do balcão, no caixa próximo a mim, Vanessa se alternava entre receber o pagamento dos clientes e fazer anotações num caderno, com lápis e borracha na mão.

“Você gosta de matemática? Estou fazendo uns exercícios que o professor passou hoje de manhã no cursinho. O vestibular tá chegando e eu presto arquitetura, que tá bem concorrido.

A pastelaria é dos meus pais, eu venho ajudar aqui com as coisas. Eles chegam cedinho, mas eu venho só depois da aula pra ajudar. Quando não tem aula, venho de manhã também.

Geralmente eu fico no caixa, mas quando tem muito movimento, eu ajudo a servir e a lavar louça também. Quando não tem muita gente, aproveito para dar uma estudada, que nem agora. Mas o mercado é um lugar

movimentado, né?

Gosto muito daqui sim. Cresci aqui dentro praticamente, porque minha família sempre trabalhou aqui. Tá vendo aquela banca de maçã lá na frente? É da minha tia. Daqui a pouco eu vou lá pegar uma maçã, porque hoje elas estão muito bonitas.

Sempre gostei muito do mercado e da pastelaria. É cansativo, mas é bom porque a gente vê um monte de gente diferente. Mas tem também vários clientes que estão sempre aqui. Todo dia, toda semana. Tenho muito orgulho daqui.”

Neste desenho, acompanhamos a rotina da personagem destacada em branco ao longo de seu dia de trabalho no Mercado Municipal. A personagem cuida da louça, atende os clientes, fica no caixa e estuda no tempo vago, como Vanessa narrou.

Ao fundo, a atmosfera do mercado fica marcada pelo movimento dos clientes e funcionários, pelas barraquinhas e pelas cores fortes e vibrantes que se misturam. O foco principal fica no balcão da pastelaria e na cozinha,

representados com uma cor destoante do fundo e com detalhes mais nítidos, já que é nele que Vanessa fixa sua atenção durante a maior parte do tempo.

Como a conversa aconteceu exatamente neste balcão de pastelaria, Vanessa não se atentou a descrições do ambiente. Sendo assim, tentei representá-lo como eu mesma estava vendo, mas dando destaque a elementos mencionados por ela, como o movimento e as atividades que desempenha ali.





7.7. TEREZA, 83 ANOS

Sentada em um banco de madeira na frente do Mercado Municipal, uma senhora segurava um arranjo de flores amarelo e rosa. Perguntei se ela o comprou ali no mercado mesmo.

“Comprei aqui mesmo, vim buscar para a minha sobrinha. Hoje é aniversário dela e ela adora flores. Tem um monte em casa. Eu adoro também. Às vezes venho aqui só pra ficar olhando.

Venho sempre no mercado. Moro aqui perto, então tô sempre aqui. É bom que a gente faz uma caminhada. E eu venho aqui desde sempre, viu?

A primeira vez que entrei aqui foi em 1940 e poucos, eu tinha uns dez anos, tinha inaugurado há pouco tempo o mercado. Minha família tinha acabado de mudar pra Rio Preto — a gente veio de Barretos — e meu irmão mais velho disse ‘Terezinha, você tem que conhecer o Mercado, é tão bonito, tem tanta coisa lá, você nunca viu nada parecido.’

Então ele me trouxe aqui. Eu olhei aquele monte de

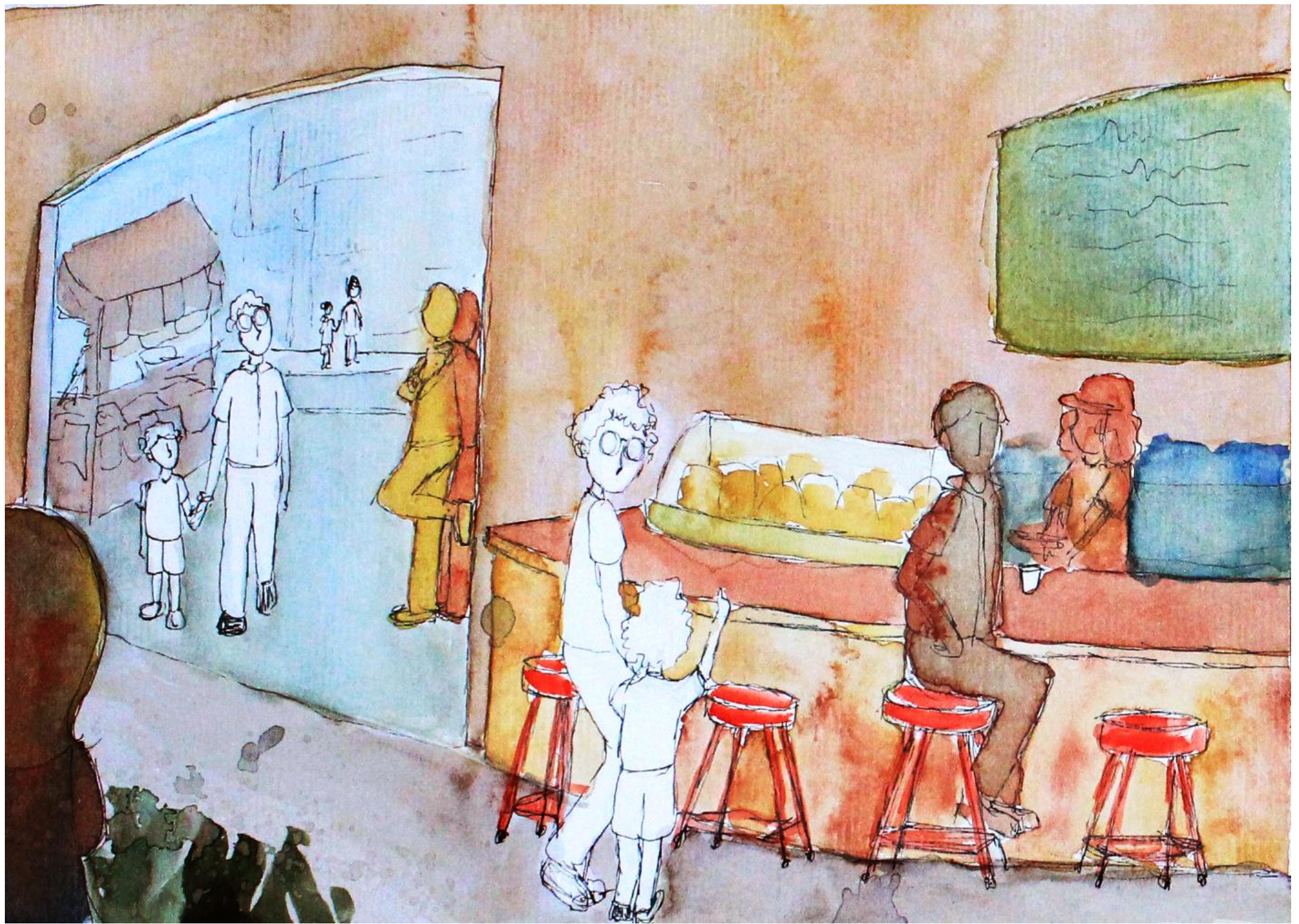
coisa colorida, aquele monte de fruta, fiquei encantada. Só que era diferente de hoje, né. Não tinha essas barraquinhas todas. Ficava tudo em balcões, mesas, caixas. Cheio de gente vendendo aquele monte de coisa.

Eu lembro de passar na frente de uma banca de maçã e tinha cada maçã linda! Elas estavam tão vermelhinhas que chegavam a brilhar. Mas a gente não tinha dinheiro pra comprar maçã. Nem fruta nenhuma. Fomos embora sem nada na mão.”

Ainda no Mercado Municipal, mas num ponto de vista e numa época muito diferente, seguimos a trajetória Tereza, quando criança, e seu irmão, destacados em branco. Como, mais uma vez, a entrevista ocorreu no mesmo local de que estávamos falando, as descrições se limitaram a apontar as diferenças do mercado na época.

Sendo assim, busquei representar o ambiente como eu estava observando, mas me atentando para as mudanças e elementos mais destacados por Tereza. As frutas e as cores ficam espalhadas por todo o trajeto, mas as maçãs, em primeiro plano são o ponto chave da narrativa.

Os dois entram no mercado olhando para todos os lados, deslumbrados e caminham até encontrarem a banca de maçãs caras demais. A seguir, eles saem pela outra porta, de mãos vazias, enquanto a menina dá uma última olhada para trás, observando todas as frutas pelas quais não podia pagar.





7.8. LANDRI, 24 ANOS

Conversando com um amigo recém-formado em Direito, prestes a se mudar de São José do Rio Preto para advogar em outro estado, conheci muitas de suas memórias mais afetivas sobre a cidade. Quando lhe perguntei um de seus lugares mais queridos, ele começou a descrevê-lo, esperando que eu adivinhasse o local. Logo acertei: era o Mercado Municipal.

“É um prédio histórico antigo. Tem um estacionamento de poucos carros antes de chegar na porta. Tem uma banquinha de jornal, quase que na esquina. Tem uns livros antigos nessa banquinha. E na porta sempre tem um guardinha e dois idosos conversando. Esse lugar tem um cheiro de café muito forte. Bastante forte.

Aí tem uma rampinha que você entra e, lá dentro, tem várias barracas, parece uma feira, mas não é uma feira. É melhor do que uma feira. Tem várias frutas. Tem um monte de coisa que eu nunca nem tinha visto. A primeira vez que eu comi rapadura foi lá. Meu avô adorava rapadura.

E todo dia, todo sábado de manhã, eu acordava cedinho já animado, porque eu sabia que meu avô ia me pegar, ia colocar a camisa branca de linho dele, ia colocar a calça, o sapato. Ia colocar uma roupa bonitinha em mim, me pegar pelo braço e nós íamos a pé, da minha casa até no mercadão.

Aí entrávamos no mercadão e sentávamos para comer pastel. Ele tomava um café e eu comia um pastel com Coca-Cola. Todo sábado, todo sábado, todo sábado.

Aí a gente saía dali e ia no calçadão, passeava um pouquinho. Todo sábado era esse o roteiro. Ele entrava no mercadão e falava com todos os velhos. Ele falava que odiava velho, mas ele conversava com todos.

Era muito bom. Era um passeio que eu gostava e que eu daria tudo para fazer mais uma vez.”

Ainda no mesmo ambiente dos dois desenhos anteriores, mas agora na visão de um menino ansioso pelo fim de semana com seu avô. Os personagens, em branco, são vistos atravessando a rua, entrando no mercado,

sentando na pastelaria e conversando com os outros personagens, conforme a trajetória costumeira descrita por Landri.

O elementos de destaque neste caso foram a pastelaria, que ocupa o centro do desenho, e as cores. As frutas e os vegetais lembrados por ele ficam espalhados pelas laterais, já que não faziam tanta parte da narrativa descrita quanto os outros itens. As cores vibrantes descritas ficam espalhadas sem muita delimitação por todo o desenho, como uma memória incerta.





7.9. CONCEIÇÃO, 78 ANOS

Quando minha vizinha, Dona Conceição, ouviu que eu estava colecionando histórias para um trabalho, ela logo começou a contar sobre sua primeira casa. Sentamos no sofá de sua sala e ela abriu uma gaveta cheia de álbuns de foto, mas não encontrou nenhuma da chácara em que morou até se casar.

Hoje, a área a que ela se referia transformou-se em uma das principais avenidas da cidade. A Avenida Alberto Andaló esconde sob o asfalto o Córrego Canela, cenário de muitas memórias da infância de Dona Conceição e seus irmãos.

“Ali pra cima da Avenida Andaló era tudo chácara. Do Córrego Canela até lá perto da rodovia era tudo do meu pai. As ruas que tem ali hoje eram caminhos de terra. O rio não era muito grande, mas quando chovia bastante ele ficava bem largo, ficava aquele riozão enorme. E a gente, que era criança, corria tudo lá para baixo — porque a gente morava lá em cima e tinha toda aquela extensão da chácara — a gente corria pra ver de longe o rio, porque ficava muito

grande mesmo. Era muito bonito.

Teve uma vez que eu e a minha irmã estávamos brincando em cima de uma árvore e, de repente, começou a vir a maior tempestade. A gente desceu correndo, foi correndo pra casa, mas não deu tempo. Chegamos inteiras molhadas. Lembro até hoje da minha mãe muito brava, falando que era perigoso ficar fora de casa na chuva. E ela tinha razão mesmo.

Ali tinha horta, dos dois lados do rio. Era cheio de hortas. A nossa chácara era enorme, tinha um bambuzal muito grande, pé de laranja, manga, goiaba, jambo, tangerina. A gente subia nas árvores, lá em cima, era tão gostoso. E dava para ver a casa, bem no meio da chácara, era um casarão.

Era meu lugar preferido a chácara. Falando eu vejo na memória certinho as árvores, as frutas. Meu pai tinha mercadinho de verdura para vender as coisas da horta, mas isso eu já não lembro direito, porque eu era muito pequena.

O Canela era um riozinho fundo em alguns lugares. A

gente entrava onde era mais raso, mas meus irmãos até pescavam lá. Era muito gostoso o rio, nossa, que saudades. Aí passaram avenida por cima e taparam tudo. Deve até ter secado, porque tinha uma mina lá no início da avenida e hoje não tem mais. Falaram que secou.

Quem diria, né? Hoje eu moro aqui do outro lado do rio, no quarteirão de cima. E quando chove ainda enche, só que agora o que enche é a avenida. Uma pena. Era tão bonito aquele rio.”

Neste desenho, seguimos Conceição e sua família durante vários dos momentos narrados. Podemos ver as personagens pescando à beira do rio, nadando, brincando em cima da árvore e até correndo de volta para casa quando chega a tempestade. À direita, vemos o rio mais cheio devido à chuva. À esquerda, o bambuzal, a horta e o casarão ganham destaque.

Conceição não possuía fotos do local, então o desenho foi feito apenas através de suas descrições, buscando sempre retratar os elementos mais destacados por ela.

Seu afeto pelo rio e pelas árvores de sua antiga chácara marcam sua memória e aparecem com maior evidência no desenho, enquanto acompanhamos algumas de suas brincadeiras preferidas quando criança.





7.10. ALINE, 52 ANOS

Almoçando num restaurante no centro de Rio Preto, vejo uma moça com a bandeja na mão, procurando uma mesa. Ofereço-lhe uma cadeira e ela coloca a bandeja sobre a mesa tomando cuidado para não derrubar o copo.

“Muito obrigada! Aqui tá sempre lotado nesse horário. Logo eu tenho que voltar ali para a loja. É uma loja de roupa. Chegou coleção nova, tem umas coisas lindas para mocinha, como você. Vai lá dar uma olhada depois.

Então você tá passeando pela cidade hoje? É bom passear. Quando eu tinha a sua idade também gostava. Ficava andando aqui pelo centro. Uma coisa que eu lembro muito era de frequentar a Avenida Andaló. Todo domingo, das cinco às sete da noite mais ou menos, os jovens desciam na avenida para paquerar. Quem tinha carro ou moto ficava andando pela avenida paquerando quem não tinha.

Era um trânsito muito intenso, mas eram momentos muito agradáveis. Conhecíamos muitas pessoas, fiz vários amigos assim.

Tinha vários bares famosos. Ficava tudo aberto, muito iluminado e muito movimentado. Tinha música para todo lado. O ferveo iniciava próximo à Rua Rubião Júnior, no Zero Grau, e ia até o final da avenida. Fiz muitos amigos lá. Era muito bom.

Hoje o pessoal não fica mais na avenida, não sei o que acontece. As coisas foram fechando, vários bares fecharam. Só tem o Zero Grau ainda. Mas a avenida era daquele jeito que é hoje mesmo.

A conversa tá boa, mas vou ter que voltar para a loja, que o horário de almoço tá acabando. Passa lá depois, viu?”

O Córrego Canela, tão importante nas memórias de Conceição, deu lugar à avenida das memórias de adolescência de Aline. Nesta memória, podemos imaginar uma versão anos 80 do *footing* contado por Raul, agora em outro local.

Aqui, seguimos Aline, destacada de vermelho, pela avenida com seus amigos. As luzes dos bares e dos carros ganham destaque para representar o movimento do trânsito

e dos jovens com seus amigos.

À direita, vemos o bar Zero Grau, mencionado por Aline, ainda um dos mais tradicionais da cidade. A movimentação ocorre dentro e nas calçadas, onde as pessoas bebiam, ouvia música e conversavam.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões que relato nesta parte são advindas da minha experiência durante este trabalho, que pode ser interpretado como um experimento, uma pesquisa. Aqui, descrevo meus pensamentos, bem como o que acredito ter funcionado melhor e quais foram as pequenas repercussões que pude presenciar.

Primeiro ponto a ser colocado: o ser humano tem uma grande paixão por contar e ouvir histórias. Todos com quem conversei demonstravam um grande prazer em compartilhar esses pequenos trechos de suas vidas com outra pessoa. Alguns falaram por horas. Outros, ficaram visivelmente emocionados. Alguns me agradeceram pela paciência e por tê-los lembrado de momentos tão queridos.

Os entrevistados que sabiam do meu trabalho me perguntavam sobre as outras memórias coletadas e ficavam felizes em se lembrar dos mesmos lugares, ou surpresos, por não imaginarem aquelas situações. Ouvi até histórias das mais diversas cidades e das mais diversas décadas que, infelizmente não entraram neste trabalho, mas renderam rodas de conversa pautadas numa contagiante curiosidade por lembranças.

Em um segundo ponto, poderia destacar que, apesar de a

memória ser algo coletivo, o modo de lembrar é muito particular. Cada entrevistado teve sua própria maneira de relatar suas lembranças, bem como suas percepções e distorções individuais. Alguns dos lugares representados foram lembrados em mais de uma entrevista, mas nunca do mesmo jeito, nem com sensações ou histórias semelhantes.

Essas diferenças de visão são enriquecedoras para um profissional estudando o espaço. São muito úteis, também, para lembrar-nos das diferentes perspectivas com que estamos lidando. No caso do Mercado Municipal, por exemplo, lembrado por três pessoas diferentes, ouvimos a visão da funcionária que estuda e trabalha para ajudar a família, do menino ansioso para passear com o avô no fim de semana, e da senhora sem dinheiro para uma maçã sequer.

Tudo isso nos leva a um terceiro ponto: a importância dessa experiência para um arquiteto tentando compreender seu espaço de trabalho. Acredito que a metodologia de pesquisa aqui usada é útil não somente para os habitantes conhecerem melhor sua própria cidade, ou para provocar a sensibilidade para com o outro, mas é também uma

ferramenta de trabalho proveitosa para arquitetos.

Conversar com as mais diferentes pessoas que entrarão em contato com a intervenção projetual que o profissional propõe é tão relevante quanto qualquer estudo da área. Essa etapa também é uma etapa projetual.

Esse contato pode ser realizado, ainda, de outras maneiras. Uma outra forma de análise válida poderia ser, por exemplo, convidar os entrevistados a desenhar, eles mesmos, suas memórias. Outras informações relevantes podem ser encontradas com esse estudo.

Ainda assim, optei por esse formato de trabalho pela necessidade de transmitir as memórias que ouvi e, quem sabe, inspirar outros profissionais e espalhar a curiosidade pelo outro e por cada uma de suas histórias.



9. ÍNDICE DE IMAGENS

A fim de deixar as páginas mais limpas e permitir que os desenhos ocupassem a página toda, escolhi deixar as legendas das imagens no final do trabalho. Aqui estão as páginas, os títulos das imagens e a fonte.

P. 22: Dora olhando foto. Fonte: captura do filme Central do Brasil feita pela autora.

P. 40-41: Artesã na Praça Rui Barbosa. Fonte: elaborado pela autora.

P. 44-45: Carnaval na Praça Rui Barbosa. Fonte: elaborado pela autora.

P. 48-49: Antiga Igreja Matriz de São José. Fonte: elaborado pela autora.

P. 52-53: Casa Bueno. Fonte: elaborado pela autora.

P. 56-57: Cine São Paulo. Fonte: elaborado pela autora.

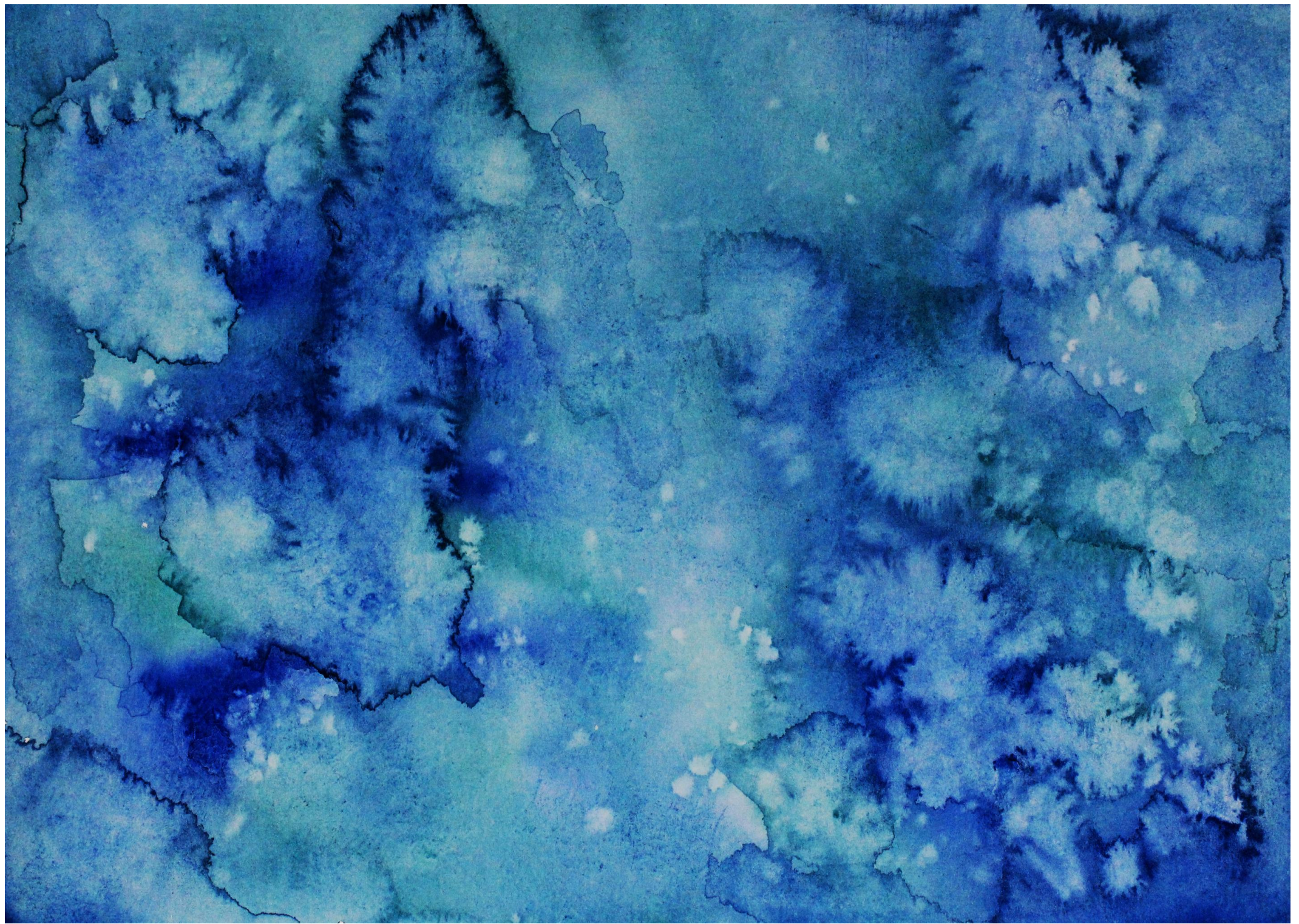
P. 60-61: Estudante no Mercado. Fonte: elaborado pela autora.

P. 64-65: Banca de maçãs do Mercado. Fonte: elaborado pela autora.

P. 68-69: Fim de semana no Mercado. Fonte: elaborado pela autora.

P. 72-73: Chácara no Córrego Canela. Fonte: elaborado pela autora.

P. 76-77: Avenida Alberto Andaló. Fonte: elaborado pela autora.



10. REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Paulo Henrique. Narrativa da perda e do reencontro: uma leitura do roteiro de Central do Brasil. **Revista Alceu**: Revista de Comunicação, Cultura e Política, Rio de Janeiro, v. 15, n. 30, p.227-239, jan./jun. 2015.

AQUARIUS. Direção de Kleber Mendonça Filho. Recife: Cinemascópio Produções, 2016. Son., color.

ARAUJO, Ana Carolina Hidalgo. **O desenhar do arquiteto**: Um estudo sobre a utilização do desenho a mão à livre como forma de investigação. 2014. USP, São Carlos, 2014. Disponível em: <https://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/nelac/wp-content/uploads/2015/01/hidolago.julho_.2014.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2018.

BATLLE, Alexandre Orzakauskas. **O papel do desenho na formação e no exercício profissional do arquiteto-conceitos e experiências**. 2011. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Usp, São Paulo, 2011.

BILHARINHO, Guido. **O cinema brasileiro nos anos 90**. Uberaba: Instituto Triangulino de cultura, 2000.

BOGÉA, Marta. Arquitetura como Narrativa, Baseada em Fatos Reais. **Revista Cadernos de Pós-graduação em Arquitetura**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.128-142, jan./jul. 2017.

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. p. 01-10.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CENTRAL do Brasil. Direção de Walter Salles. [s.i.]: Videofilmes, 1998. Son., color.

CINEMAIS: **Revista de cinema e outras questões audiovisuais**. Rio de Janeiro: Secretaria para o Desenvolvimento do Audiovisual do Ministério da Cultura. Número 9, Jan.1998.

GÊ, Luiz. **Avenida Paulista**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

IBGE. **Estimativas Populacionais 2018**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2018/estimativa_TCU_2018_20181108.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

IBGE. **Panorama de São José do Rio Preto**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-do-rio-preto/panorama>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

INDESIGN (Australia). **Juhani Pallasmaa on Art, Architecture and Writing**. 2011. Disponível em: <<https://www.indesignlive.com/people/juhani-pallasmaa-on-art-architecture-and-writing>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 366-419.

PALLASMAA, Juhani. A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 482-489.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PETER Zumthor and Juhani Pallasmaa – Architecture Speaks. Realização de Aalto University; Museum Of Finnish Architecture. Otaniemi, Fi: Aalto University, 2018. Son., color. Série Architecture Speaks. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ibwvGn3PkFg&t=2177s>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

PREFEITURA DE RIO PRETO. **História de São José do Rio Preto**. Disponível em: <<http://www.riopreto.sp.gov.br/PortalGOV/do/conhecendoCidade?op=viewForm&coConteudo=11166&coEstruturaPai=12>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

SOULAGES, François. A ficção fotográfica: antropologia e estética. Em: catálogo da exposição A invenção de um

mundo: coleção da Maison européenne de la photographie, Paris. São Paulo: Itaú Cultural, 2009.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

